

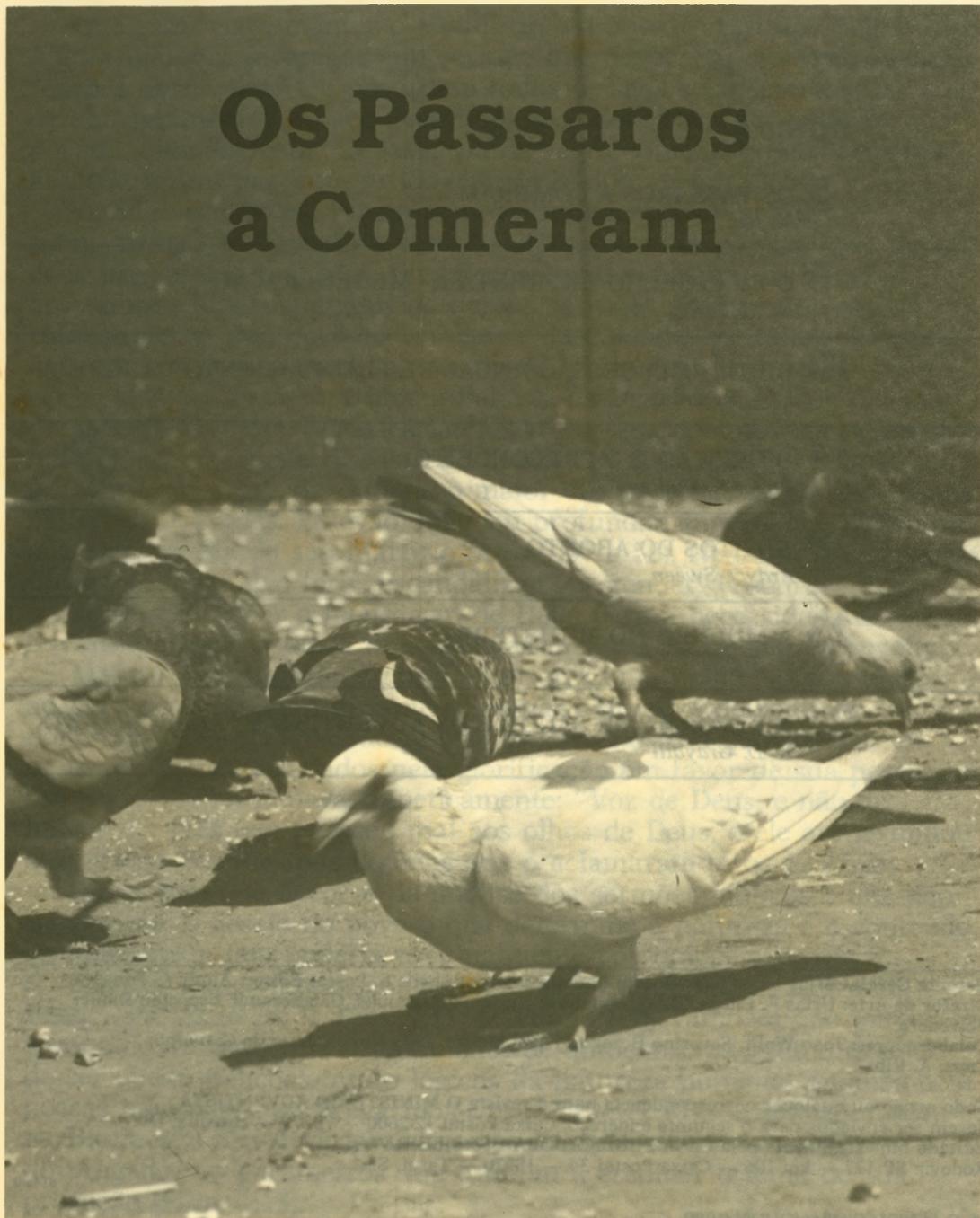
EDITORIAL

O Ministério

Uma Revista Para Pastores e Obreiros

Adventista

Os Pássaros a Comeram



ARTIGOS

5 OS PÁSSAROS A COMERAM
M. Rees

6 O EVANGELHO ENFRENTA A "MEGERAÇÃO"
W. McCall

10 DIRIJA UMA SESSÃO ANUAL DE PLANEJAMENTO DA IGREJA
L. G. Downing

14 O CRISTÃO E O PRECONCEITO
Roger L. Dudley

19 EFEITOS DO ABORTO
Ardyce Sween

23 A MULHER NO MINISTÉRIO
F. Bresee

26 A REFORMA DE SAÚDE E OS ADVENTISTAS NO SÉCULO XIX
R. D. Graybill

Gerente Geral: Carlos Magalhães Borda; **Redator-Chefe:** Rubens S. Lessa; **Editor:** Almir A. Fonseca; **Diretor de Arte:** Urias P. Chagas; **Diagramadora:** Herlem X. Campos; **Colaborador Especial:** Daniel Belvedere;
Colaboradores: João Wollf, Severino Bezerra, Pável Moura, Luís Nunes, Jefte de Carvalho;
Capa: A. Rios

Todo artigo ou qualquer correspondência para a revista O MINISTÉRIO ADVENTISTA devem ser enviados para o seguinte endereço: Caixa Postal 12-2600 — 70279 — Brasília, DF. Editado bimestralmente pela CASA PUBLICADORA BRASILEIRA. Rodovia SP 127 — km 106 — Caixa Postal 34 — 18270 — Tatuí, SP.

Discursos que Escandalizam

Que fazer para manter o equilíbrio em nossa pregação? Não é fácil! Algum dia você já pregou um sermão que despertou em seus ouvintes reações de revolta? Ou produzem todos os seus sermões reações de aborrecimento? Se acontece isso, você deve ficar preocupado, porque, quando Jesus pregava, via de regra convidava Seus ouvintes a encontrarem paz interior (S. Mat. 11:28-30).

Quando você prega, nunca se produzem reações que levam a um diálogo de coração a coração? Nesse caso, é possível que também deva preocupar-se, pois se pregarmos como o fizeram os homens dos tempos bíblicos, alguns de nossos sermões produzirão reações. Naturalmente, não devemos procurar dificuldades gratuitas. Também não deixemos de cumprir nossa missão porque podem surgir problemas, ao apresentarmos a Palavra de Deus. Alguns dos maiores pregadores das Escrituras escandalizaram seus ouvintes com discursos indesejáveis do ponto de vista do público (S. Luc. 4:28-30; S. João 6:60-62; 10:24-30). João Batista, o maior dos profetas, como disse Jesus, ofendeu a Herodes. Estêvão, magoou profundamente os que assistiam ao culto, no dia do seu martírio (Atos 7:57 e 58). Nenhum deles, porém, tinha como objetivo ferir, escandalizar ou ofender. Procuravam tão-somente comunicar a mensagem de Deus para a necessidade de seus ouvintes, e isto produzia uma de suas reações: conversão ou revolta.

Mas volto a minha pergunta anterior: Como manter o equilíbrio ao partilhar a Palavra durante o sermão? Herodes deixou-se guiar por motivações indignas ao pregar, pelo menos é o que sugeririam os resultados evidenciados pela glorificação em favor de sua pessoa, por um povo que exclamava freneticamente: "Voz de Deus, e não de homens!". Mas isto pareceu mal aos olhos de Deus, e ele até terminou mal diante dos mesmos homens que o aclamaram (Atos 12:21-24).

Outro fato que decorre da análise dos sermões bíblicos é que não deveria ser o desejo do povo o que determine a natureza e o conteúdo da mensagem. Isto poderia eventualmente corromper a pregação, o pregador e a congregação (vejam-se, por exemplo: Isa. 30:9 e 10; Ezeq. 13:9; 22:26-28; II Tess. 2:11; II Tim. 3:1-5). Também não parece ser a vontade de Deus que o sentimento de autoconservação e o desejo de ser aceito (reações muito lógicas da natureza humana) impulsionem nossas mensagens ao pregarmos (Jer. 23:29-31). Mas aprendi também na Bíblia que não deveriam ser as frustrações e agressividades do pregador os parâmetros que o levem a escolher o tema de sua pregação (Filip. 1:15).

Pela terceira vez, volto à pergunta: Como manter o equilíbrio? À luz da pregação bíblica, parece claro que o sermão deveria ser o resultado harmonioso da soma das necessidades dos ouvintes, mais a vontade de Deus expressa na revelação e guia do Espírito Santo. Tudo isso deve ser expresso em palavras bem-intencionadas, “sazonadas” (Col. 4:6) e compreensíveis aos ouvintes. Deveríamos pregar para salvar. Se isso significa pedir ao Senhor “língua erudita, para que eu saiba dizer a seu tempo uma boa palavra ao que está cansado” (Isa. 50:4), que o façamos. Se a mensagem oportuna é de repreensão, demo-la com amor (S. Tia. 5:19 e 20). Mas, em todos os casos, peçamos em oração ao Senhor que nos indique o que Ele deseja que digamos ao povo.

Naturalmente, não tenho o direito de dizer o que nos pregaria Jesus hoje, a menos que Ele o tivesse revelado. Todavia, há duas coisas que me surpreendem e me fazem pensar que deveríamos voltar a alguns dos aspectos da pregação profética e apostólica: A primeira delas é que não há elogio para Laodicéia na mensagem às sete igrejas. Ao contrário, depois de descobrir uma situação espiritual calamitosa, o Senhor diz: “Eu repreendo e castigo a todos quantos amo; sê pois zeloso, e arrepende-te” (Apoc. 3:19). É provável que, se o Senhor ocupasse nossos púlpitos hoje, voltasse a proferir discursos escandalizadores aos ouvidos de muitos de nós que somos laodiceanos.

O segundo fato que surge diante dos meus olhos ao ler a mensagem de Laodicéia é que o Senhor dirige o convite mais terno que se registra nas Sagradas Escrituras: “Eis que estou à porta, e bato; se alguém ouvir a Minha voz, e abrir a porta, entrarei em sua casa, e com ele cearei, e ele comigo” (Apoc. 3:20). Portanto, Ele o ama intensamente e deseja seu bem espiritual.

Evidentemente, esse equilíbrio no uso de uma palavra de Deus que é ao mesmo tempo aguda espada de dois fios (Heb. 4:12) e alimento espiritual que traz gozo e alegria ao coração (Jer. 15:16), só se consegue mediante a orientação do Espírito Santo. Ele é quem produz uma santa inquietação, a qual leva ao arrependimento, que converte. E é nesse momento que surge a alegria da salvação. E, graças a Deus! o Espírito está a nossa disposição, se desejarmos viver um ministério sincero nas mãos de Jesus. — *Daniel Belvedere.*

Os Pássaros Comeram

O que damos como alimento à nossa congregação durante a hora do culto — semente ou palha?

O cartão amarelo que servia de marca-página da antiga Bíblia estava grifado em vermelho — um realce desnecessário para um pensamento tão excitante. “A brevidade não é apenas uma conveniência; é também um elemento de poder. Tudo o que pode ser dito com 50 palavras e é dito com 75, é enfraquecido em cerca de 50 por cento.”

As parábolas de Jesus são a essência da brevidade, clareza e das palavras de mínimo esforço com máximo impacto. Considerai por um momento as implicações das primeiras duas sentenças da parábola do semeador: “Eis que o semeador saiu a semear. E, quando semeava, uma parte da semente caiu ao pé do caminho, e vieram as aves, e comeram-na.” (S. Mat. 13:3 e 4).

Os que espalhamos as sementes da verdade, sabemos naturalmente o que acontece às sementes que semeamos. De acordo com a parábola, não há muito o que possamos fazer pelas sementes que caem em terreno pedregoso, ou mesmo em boa terra. A receptividade do coração e da mente dos nossos ouvintes, afinal de contas, é obra do Espírito Santo. Mas passei a acreditar, dada à minha própria experiência em ambos os lados do púlpito, que há uma grande parte que podemos desempenhar para que a semente não caia à beira do caminho, onde as aves a aguardam avidamente para devorar.

Acho que há três maneiras em que impensadamente permitem os ministros que a semente que semearam seja devorada antes que tenha a oportunidade de lançar raízes e florescer. Em primeiro lugar, fazemos isto ao pensar que devemos ocupar todo o tempo disponível do culto com sermão. Crendo que a quantidade equivale à profundidade, tornamos cansativo o tempo dedicado ao culto para a meditação profunda.

Lembro-me da ocasião em que fui solicitado a fazer alguns comentários de abertura numa convenção de ministros. Sendo constrangedo-

amente informado de que, quando ouvintes, os pregadores se tornam indiferentes, sabia que devia escolher um assunto desafiador, mas breve e ao ponto. Estava certo também de que deveria haver, no fim, tempo para meditação particular e aplicação. Comecei meu assunto, sugeri alguns possíveis problemas e soluções, mas deixei que meus ouvintes tirassem suas próprias conclusões, como a parte que deviam desempenhar naquela experiência de adoração. Toda a apresentação levou 12 minutos.

Para meu total espanto, um pregador nacionalmente conhecido, que também estava na plataforma, olhou o relógio e disse com surpresa: “Bem. Ainda temos um pouco de tempo!” Foi então até o púlpito e falou por mais 20 minutos — tempo mais que suficiente para consumir toda a semente que eu havia procurado semear.

A segunda maneira em que somos descuidados quanto ao semear a semente é mais sutil, mas igualmente devastadora. Às vezes nós pregadores nos esforçamos bastante para tornar a mensagem clara e concisa, mas perdemos o bem que nossas palavras podem realizar, pelo fato de sermos insensíveis ao que acontece após termos terminado. Desce o Espírito Santo sobre as sementes que semeamos? Ou uma nuvem de aves vorazes?

Em outra convocação religiosa, a mensagem dinâmica de um poderoso pregador tocou-me o coração. Ele dispensara cuidadosa atenção ao seu apelo final; foi apaixonado, desafiador e exerceu um visível efeito sobre todo o auditório. Quando ele terminou, outro homem se levantou para dar a bênção. Ele orou para que o Espírito Santo enchesse cada coração. Disse amém, e pediu-nos que sentássemos novamente, após o que anunciou que o item seguinte de negócios era uma venda de livro! Podia-se quase ouvir o barulho das asas, quando os pássaros se lançavam sobre a semente recém-semeada.

Finalmente, há aquilo de que penso como sen-

do o ataque por antecipação. Às vezes as aves nem precisam esperar que a semente seja semeada — elas a encontram com facilidade fora do recipiente. Refiro-me às maneiras pelas quais despojamos nossa mensagem de seu poder, mesmo antes de apresentá-la.

Como membro de igreja, lembro-me dos 18 meses que tive de ouvir durante o serviço de adoração os intermináveis apelos em favor de fundos para uma nova igreja. Ao meio-dia, havia tempo apenas para um rápido sermão. Mais tarde, como pastor, foi-me pedido que fosse a uma igreja, dar alguma orientação sobre mordomia. Quando perguntei sobre a agenda do dia, responderam-me de várias maneiras: “Bem, as pessoas não gostam de sair à noite”; “Na realidade, não podemos ter uma reunião à noite; há outro programa planejado”; “Façamos um bom sermão de mordomia na hora do culto”.

Naquela manhã, as partes preliminares tomaram tanto tempo que me foram deixados 14 minutos para pregar. Fui avisado, naturalmente, de que usasse todo tempo que quisesse, pois

“não temos relógio de parede aqui”. Mas a expressão do rosto da congregação refletia seus anseios interiores. Eu não podia aumentar o seu sofrimento. Mais de 600 quilômetros de ida e volta, mais hospedagem, para 14 minutos com um auditório intranquilo! Os pássaros haviam chegado ali antes de mim!

Creio que os programas, promoções, anúncios e mesmo atividades comuns têm o seu justo lugar numa igreja ativa e em crescimento. Não creio, porém, que informação ou anúncios relacionados com aqueles tenham qualquer lugar no serviço do culto, antes ou depois do sermão. Devemos descobrir maneiras de incorporar estas coisas na vida da igreja, sem permitir que elas tirem a vida de nossos serviços de culto. Como semeadores, temos a responsabilidade de seguir o exemplo das parábolas, e deixar por algum tempo com fome as aves que estão à beira do caminho.

Mel Rees — Escritor, fotógrafo e compositor que vive em Woodland, Oregon

O Evangelho Enfrenta a “Megeneração”

Nosso realce sobre o individualismo nos leva a ler mal a nossa Bíblia. Deus está muito mais relacionado com a igreja como um corpo de crentes do que muitos de nós supõem.

Muito das características distintivas da sociedade ocidental advêm de sua ênfase sobre o indivíduo. A liberdade pessoal, a diversidade de pensamento e a liberdade de expressão são resultados favoráveis desse esforço. Em épocas recentes, contudo, parece que quase todas as formas de identidade coletiva estão em processo de dissolução. Estamos reduzindo nós mesmos ao mí-

nimo denominador comum de um. Estamos tornando a nós mesmos uma paródia, algo denominado a “geração do me”, no qual cada um está basicamente “olhando para o número um”. Contudo, “o número um” está-se tornando o número mais solitário e o isolamento, a alienação e a fragmentação cultural estão-se tornando nossa herança.

Talvez nossa tendência para com o indivíduo

tenha levado a uma percepção distorcida do evangelho. Estou convencido de que há muito mais realce, na Palavra de Deus, sobre a comunidade, do que a maioria das pessoas admitem. Jesus é muitas vezes vendido como alguma espécie de cola cósmica sob a bandeira do “Salvador pessoal” (um termo curiosamente não encontrado na Bíblia) com um realce sobre recompensas tais como felicidade e satisfação — compensações destinadas a apelar para o nosso cultivo do narcisismo.

Mas isto aproxima as linhagens de uma distorção do evangelho. Embora devamos alcançar as pessoas onde elas estão, temos também a responsabilidade de levá-las aonde Deus deseja que elas estejam. Uma personalização excessiva do evangelho não somente não oferece nenhuma cura para as nossas doenças; ela própria pode ser sintomática do problema — o egoísmo! É verdade que Deus nos ama como indivíduos e que o Bom Pastor deixa as noventa e nove a fim de resgatar uma. Contudo, muitas vezes temos desatendido o conceito bíblico de povo de Deus.

Para muitas pessoas o relacionamento com Cristo é um assunto inteiramente pessoal e a entrega a qualquer congregação é uma opção indesejável. Embora saibamos que a igreja triunfante não é sinônimo da igreja visível, não nos aventuramos a insinuar que a salvação de Deus tenha lugar separada do Seu corpo. A Bíblia desconhece essa espécie de ultra-individualismo. Um rápido exame de certos ensinamentos básicos ilustra como temos a tendência de personalizar em demasia a palavra de Deus.

O evangelho demasiadamente pessoal

Os Protestantes muitas vezes consideram a justificação pela fé como uma transação puramente pessoal, que tem pouco o que ver com a igreja de Deus. É interessante notar, contudo, o contexto comunitário de Romanos e Gálatas, os principais trabalhos do Novo Testamento sobre este assunto. A crise que deu início a essas cartas não foi uma crise pessoal, mas coletiva; não era a luta de Paulo para encontrar paz com Deus, mas o desejo de Paulo de trazer harmonia à igreja; nem era ainda a luta de Paulo com a culpa pessoal, mas o relacionamento entre judeu e gentio.

O argumento de Paulo em Romanos e Gálatas provavelmente tenha menos o que ver com

mérito do que com meritocracia. Ele mostra que apesar de todos os dons, das boas obras e superioridade dos judeus, Deus escolheu os gentios para serem co-herdeiros de Abraão: não por meio das obras, mas da graça. Os gentios estão em pé de igualdade com os judeus diante de Deus. A circuncisão, que havia sido o sinal de separação nacional, tornou-se destituído de significado, porque Cristo derrubou toda a barreira entre os povos. Em Cristo “não há judeu nem grego; não há servo nem livre... porque todos vós sois um em Cristo Jesus” (Efés. 3:28). Os gentios são agora herdeiros de Abraão por meio da fé e, assim, através da misericórdia de Deus, foram aceitos na comunidade do concerto.

Não estou procurando negar as aplicações pessoais do evangelho de Paulo. Precisamos, porém, reconhecer este realce de Paulo de que a justificação pela fé é a base da comunidade do concerto; o fundamento, não só para a paz com Deus, mas para a paz entre os crentes.

Vejamos novamente o livro de Romanos. Embora muitas vezes percamos o interesse pelo capítulo 8, achando que os capítulos 9 a 11 são um apêndice curioso de interesse principalmente histórico, estes capítulos concernentes à natureza do verdadeiro Deus de Israel são, na verdade, o clímax do argumento de Paulo! Seu “evangelho” não está completo enquanto ele não explora plenamente o propósito de Israel. O evangelho não é simplesmente nosso novo nascimento pessoal, mas o nascimento de uma nova comunidade; não apenas de uma nova pessoa, mas do novo povo de Deus. Cristo é a suficiência não apenas dos indivíduos mas também das comunidades. A graça de Deus não envolve pessoas apenas, mas todo o povo de Deus.

A carta aos Efésios é uma rapsódia sobre a graça de Deus e um salmo sobre nossa unidade em Cristo. É um livro de “unificação”: uma cura para a nossa doença do individualismo. Paulo se volta para um tema insinuado em Romanos: o propósito do evangelho não é apenas nossa justificação pessoal, mas a vindicação do caráter de Deus (Rom. 3:35 e 36). Nossa salvação é “para louvor da Sua glória” (Efés. 1:6, 12 e 14). A graça de Deus foi revelada na igreja, “para mostrar nos séculos vindouros as abundantes riquezas da Sua graça, pela Sua benignidade para conosco em Cristo Jesus” (2:4-7).

A salvação da igreja glorifica a Deus, e isto não é apenas uma transação particular que o processo envolve, mas também nossa inclusão

na família de Deus: “Assim que já não sois estrangeiros, nem forasteiros, mas concidadãos dos santos, e da família de Deus; edificados sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, de que Jesus Cristo é a principal pedra da esquina; no qual todo o edifício, bem ajustado, cresce para templo santo no Senhor, no qual também vós juntamente sois edificados para morada de Deus em Espírito” (Efés. 2:19-22).

Paulo continua seu pensamento no capítulo 3, dizendo que a salvação é uma fonte de instrução para os anjos: “Para que agora, pela igreja, a multiforme sabedoria de Deus seja conhecida dos principados e potestades nos Céus” (3:10). No capítulo 4 ele desenvolve a metáfora da igreja como o corpo de Cristo e depois passa ao assunto dos dons espirituais. (Paulo discute os dons apenas no contexto do corpo de Cristo. Se notamos escassez de dons, pode ser porque nos esquecemos do contexto em que eles devem ser revelados.)

Temos tido a tendência de personificar em excesso outros ensinamentos também — por exemplo, a oração. A “Oração do Senhor” (S. Mat. 6:8-13) é uma oração do “nós” que transformamos em oração do “eu” em nossa mente. Notemos:

Pai <i>nosso</i> ...	,Reconhecimento de Deus entre <i>nós</i>
Dai- <i>nos</i> hoje...	Oração pelos outros
Perdoa- <i>nos</i> ...	Confissão coletiva
Não <i>nos</i> deixes cair...	Oração para que Deus guie a igreja
Livra- <i>nos</i> ...	Oração pela salvação de almas

Uma vez mais, não estou contestando a aplicação pessoal desta oração, mas simplesmente mostrando que adquirimos uma perspectiva inteiramente nova quando levamos a sério as palavras literais.

Nosso cultivo do “me” olha para o juízo como um assunto pessoal. A Bíblia, porém, a ele se refere em termos coletivos (eg. S. Mat. 25:31 em diante). A opinião popular tem a tendência de personificar a escatologia, concentrando-se sobre “o vôo da alma” para sua recompensa celestial. A Bíblia realça a ressurreição, e a ressurreição coletiva como tal: “Dizemo-vos, pois,

isto pela palavra do Senhor: que nós, os que ficarmos vivos para a vinda do Senhor, não *precederemos* os que dormem porque o mesmo Senhor descerá do Céu com alarido, e com voz de arcanjo e com a trombeta de Deus; e os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro. Depois nós, os que ficarmos vivos, seremos arrebatados *juntamente* com eles nas nuvens a encontrar o Senhor nos ares, e assim estaremos sempre com o Senhor” (I Tess. 4:15-17).

Nenhum de nós verá o Senhor antes dos outros membros da igreja. Deus ordenou que mesmo a ressurreição seja um festival de conjunto!

Glorificar a Deus

Qualquer declaração de destino coletivo para a igreja de Cristo em geral e para a Igreja Adventista em particular, soa como destino manifesto e chauvinismo para a mente modera. Somos advertidos contra o orgulho e a vaidade, e certamente eles são inimigos da justiça. Contudo, a Bíblia é clara ao dizer que Deus deseja glorificar a Si mesmo por meio de Seu povo. “Dei-lhes a glória que a Mim Me deste”, diz Cristo (S. João 17:2). O “controle do orgulho” segundo a Escritura é encontrado na palavra da cruz, não em negarmos nossa elevada vocação.

Quando Cristo falou a respeito de Seu momento de glória (S. João 17:4 e 5), centralizou Sua discussão sobre Sua iminente crucifixão e ressurreição. A glória de Cristo veio através da cruz, e assim a nossa. Há um elo de ligação entre o sofrimento e a glória, nas Escrituras, que deveria humilhar-nos (eg. Efés. 3:13). Glorificamos a Cristo ao tomar nossa cruz e sofrer por amor a Ele; e quando somos “cheios de frutos de justiça” é “para glória e louvor de Deus” (Filip. 1:11).

A eclesiologia do Novo Testamento procede diretamente do expresso propósito de Deus para Israel. “Esse povo que formei para Mim, para que Me desse louvor” (Isa. 43:21). “Guia-me pelas veredas da justiça, por amor do Seu nome” (Sal. 23:3). A bela passagem de Ezequiel 36:22, fala-nos de como Deus vindicará Sua santidade ao salvar Israel, dar-lhe um novo coração e fazê-lo andar de acordo com as Sua leis. A doutrina do Novo Testamento, com relação à igreja, poderia ser resumida, dizendo-se que os apóstolos viram as promessas e propósitos de Deus para Israel sendo cumpridos através da igreja.

“Assim resplandeça a vossa luz diante dos ho-

mens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai, que está nos Céus” (S. Mat. 5:16). “Nisto é glorificado Meu Pai, que deis muito fruto; e assim sereis Meus discípulos” (S. João 15:8). Cristo é glorificado em nós (S. João 17:10) e tudo quanto fazemos devemos fazer para a glória de Deus (I Cor. 10:31). Não somos exortados a merecer o Céu — como se fôssemos escravos — mas a glorificar a Deus, porque somos Seus filhos.

“Cristo aguarda com fervente desejo a manifestação de Si mesmo em Sua igreja. Quando o caráter de Cristo se reproduzir perfeitamente em Seu povo, então virá para reclamá-los como Seus” (*Parábolas de Jesus*, pág. 69, grifos supridos).

Que diferença faz ver esta declaração à luz do ensino do Novo Testamento sobre a glorificação de Deus por meio de Seu povo! Nossa perfeição está no contexto de nossa relação com o corpo de Cristo. Estamos em Cristo, em Seu corpo, somos uma parte do todo que está realizando os propósitos de Deus na Terra. Eu tenho um dom e vocês têm outros, e juntos ajudamos a completar um ao outro. E para que não nos tornemos orgulhosos, as Escrituras nos lembram de que nossa glorificação de Deus está sempre no contexto do amor e misericórdia de Deus “para mostrar nos séculos vindouros as abundantes riquezas da sua graça, pela Sua benignidade para conosco em Cristo Jesus”

(Efés. 2:7).

Nenhuma doutrina pode ser ensinada de maneira adequada sem referência à doutrina bíblica da igreja. Esteja ela no domínio da ética, onde as pessoas devem ser ensinadas que nossa consciência não está inteiramente educada enquanto não discernirmos o efeito de nossa vida sobre a vida de outros; ou na vida cristã em geral, onde devemos ensinar as pessoas que a luta contra o pecado não é puramente pessoal, devemos ser constantemente informados de nosso relacionamento um para com o outro. Necessitamos de ouvir mais ensinamento sobre fazermos parte do exército de Deus, e sobre como devemos levar os fardos uns dos outros e orar uns pelos outros. Nossa falta de vitória pode dever-se ao fato de que fomos longe demais em nossos gabinetes; precisamos “confessar [nossas] culpas uns aos outros e orar uns pelos outros” para que saremos (S. Tiago 5:16). Não seremos cheios do Espírito de Deus enquanto negligenciarmos reunir-nos com os santos e orar fervorosamente de comum acordo para que Deus nos use (Atos 1:13 e 14). Façamos despertar o “nós” do evangelho como um antídoto ao egoísmo que está envenenando a “geração do eu”.

William McCall — Pastor de igreja em Arkansas

Dirija Uma Sessão Anual de Planejamento da Igreja

Se sua comissão está sofrendo pela desorientação da Comissão da Igreja, uma sessão de planejamento anual pode acrescentar vida a sua reunião.

-Senhor diretor, dê uma olhada. Nem metade dos membros da comissão estão presentes hoje à noite, e devo dizer que não os condeno. Tudo o que fazemos é discutir sempre as mesmas coisas. Quem se encarrega da cor com que devem ser pintadas as salas? Não há coisas mais importantes do que discutir sobre se devemos gastar dez cruzados novos com as novas fechaduras da sala das Dorcas? Afinal, qual é a nossa função? Talvez fosse melhor eu deixar o meu cargo.

— Pastor, estou disposto a servir como ancião, mas seria melhor que eu não fosse às reuniões da comissão. Como o senhor sabe, tenho tão poucas noites livres que não sei como poderia encontrar tempo para outra reunião. E, pastor, para ser honesto, não me sinto muito animado em passar uma noite procurando encontrar um auxiliar de pianista para a Escola Sabatina. Sei que é importante manter as rodas em movimento, mas penso se não deveríamos usar talvez o tempo da reunião da comissão de maneira mais eficaz.

Estas e outras declarações semelhantes, vieram de pessoas competentes, dedicadas e responsáveis. Elas me indicaram que os membros de minha comissão estavam sofrendo de uma doença chamada palavrórios da comissão da igreja.

Embora não sejam costumeiramente fatais, os sintomas da doença, entre os quais a pouca frequência às reuniões, os longos debates so-

bre assuntos triviais e a indisposição do membro da comissão, podem dificultar a eficácia da comissão. Mesmo o pastor não está imune a essa enfermidade. Eu mesmo já sofri desse mal e não gosto do que ele me fez.

Pessoas qualificadas, dispostas a aceitar um cargo na igreja e ajudar na comissão, constituem uma aquisição inestimável. Os pensadores ponderados, razoáveis e criativos numa comissão de igreja são valiosos, e desejo conservar a todos quantos possa encontrar. Mesmo que eu não seja o presidente da comissão, sinto responsabilidade pela maneira como funciona a comissão da igreja. Quando as reuniões da comissão se tornam maçantes, ou achamos que gastamos grandes quantidades de tempo desordenadamente, em assuntos triviais, estamos com problemas. E quando a comissão está com problema, meu ministério está com problema.

Quando fui procurar a cura para conversa inútil, uma sugestão se sobrepôs às demais: a sessão de planejamento anual da comissão da igreja. O que segue é a elaboração do razoável para uma sessão anual de planejamento, um exemplo de programa, e a descrição de alguns dos problemas que podeis encontrar ao procurar pôr em prática a proposta em vossa igreja ou distrito.

Em primeiro lugar, aprendi que nem todos partilharam de meu entusiasmo por uma sessão de planejamento de fim-de-semana fora da igreja. A resposta mais comum para a propos-

ta foi: Por que não podemos fazê-la aqui mesmo na igreja após a hora do culto? Qual o assunto que vai ser discutido? Em resposta, faço uma breve declaração que consiste no seguinte:

1. Seria a oportunidade para as pessoas ficarem informadas. Mesmo aquelas que já se conhecem por anos podem não ter tido uma oportunidade de partilhar idéias e informações de forma orientada e sem perigo.

2. Haverá tempo para trabalho, brincadeiras e conversação ininterruptos.

3. Afastar-se das circunstâncias familiares aumenta a atenção para uma tarefa específica.

4. As refeições serão providenciadas. (As senhoras a trarão imediatamente.)

5. Estará disponível o cuidado da criança. (Também um predileto das mães.)

Quando apresentei a idéia da sessão de planejamento antes da reunião da comissão, tornei-a um motivo para falar com certos líderes principais. Cada membro da comissão tem um voto igual, mas a comissão toda tem líderes pensantes cuja influência vai além de seu voto, de maneira que apresentei o conceito a várias dessas pessoas e aguardei sua contribuição.

Essas discussões particulares indicaram que as pessoas não estavam certas do propósito, para a igreja, das sessões de planejamento, e uma vez que eu não achava que tinha todas as respostas para as questões específicas, adquiri vários exemplares do *Effective Church Planning*, de Lyle Schaller e sugeri que cada membro da comissão os lesse. Schaller faz forte declaração para o planejamento da igreja e apresenta razões pelas quais é importante que a comissão realize um intenso trabalho filosófico para servir de base para todos os programas da igreja. O livro causou uma impressão positiva sobre aqueles que o leram.

Na sexta reunião, a comissão apontou uma comissão *ad hoc* para estudar a proposta e retornar com uma recomendação. A comissão *ad hoc* recomendou o retiro que a comissão aceitou. Além disso, foi votado que o pastor, juntamente com aqueles a quem ele escolheu, designassem o programa de fim-de-semana.

Preparação

Preparar o esboço do programa é a chave para um fim-de-semana bem-sucedido, e o pastor desempenha o papel principal em determinar a direção que o programa deve seguir.

É importante que tenhamos em mente o que gostaríamos que os participantes realizassem e que procuremos maneiras de cumprir estes desígnios criando um tipo de programa lógico, interessante e exeqüível. O desafio é planejar uma agenda que forneça aos participantes um esboço claro e racional, que facilite o fluxo natural de um processo para o outro. Ela deve dar oportunidade para estudo intenso, bem como tempo para envolvimento social e reflexão pessoal. Uma vez que o tempo é um dos fatores, as indicações devem ser ao mesmo tempo breves e completas, mas pormenorizadas e amplas de modo que sejam interessantes. Quanto à maneira de harmonizar isto, dependerá dos recursos e habilidade inatos do pastor, mas há métodos que se podem usar para tornar mais fácil o processo.

Primeiramente, descubra membros na congregação que tenham experiência em liderança de grupo, e trabalhe com eles. Se não tiver membros qualificados, consulte outro pastor ou pessoas da comunidade. O importante é encontrar alguém que entenda do método de grupo. O pastor que depende de suas próprias habilidades apenas, está procurando problema.

Nosso grupo de sessão de planejamento procura organizar a sessão de planejamento de maneira tal que evite situações solucionadoras de problemas e ignore aqueles assuntos que muitas vezes já ocuparam nossas agendas de reunião de comissão. Nosso propósito tem sido considerar as propostas que discutem pontos fundamentais que dizem respeito aos alvos da igreja, objetivos, filosofia, esperanças e sonhos. Queremos ver o quadro maior e, dessa perspectiva, ter nossos sonhos e olhar para as oportunidades que aguardam nossa atenção.

Da longa lista de idéias produzidas na sessão anual de planejamento, (ver box anexo para descrição de como as listas são produzidas) algumas são mais realistas, outras menos. A melhor se torna a base para a formação da agenda mensal da comissão.

Cada mês apresenta outra oportunidade para considerarmos e procurarmos implementar uma proposta que venha da sessão de planejamento.

Após a sessão

Levamos os papeis nos quais relatamos as sugestões dos grupos para trás do escritório. Aí

a secretária copia cada sugestão e põe uma lista no correio para cada membro da comissão.

Agora a pergunta importante: Que diferença tem a sessão de planejamento feita?

Uma resposta definitiva para a pergunta é difícil. Em primeiro lugar, cada agenda mensal envolveu pelo menos um item que se originou da sessão de planejamento. A partir desse processo, os programas seguintes foram começados pela comissão e se tornaram parte do programa da igreja:

1. Iniciamos um ministério secular do campus e trabalhamos com a associação para assalariar um capelão de campus.

2. Custeamos um serviço da comunidade e coordenador de firmas.

3. Estabeleceu-se uma comissão de paróquia/púlpito.

4. Foi apresentada uma série de sermões sobre desenvolver e manter a vida espiritual.

5. Iniciamos uma equipe de amizade no sábado de manhã, às 9:00h, onde as pessoas podiam participar de uma bebida quente e da conversação.

6. Nossas reuniões da comissão se tornaram mais produtivas e nós saímos mais cedo.

7. Agora temos um sistema de contabilidade. Podemos rever o que foi feito antes na sessão de planejamento e ver o que fizemos para satisfazer nossas esperanças e sonhos, e o que ainda precisa ser feito.

Desde aquela primeira sessão de planejamento, mudei meus pontos de vista. Arrendar os serviços completos de um centro de retiro é dispendioso. Como compromisso, procuramos alugar um quarto em uma instalação para retiro cristão próxima. Isto também iria ficar dispendioso. Enquanto nós discutíamos possíveis lugares de reunião, a facilidade da igreja pareceu a mais razoável. Assim, durante meus últimos quatro anos em Green Lake nós nos reunimos em nossa igreja. Concluí também que poderíamos alcançar nossos alvos às 5:30h da tarde de sábado, e a agenda agora reflete isto.

Em julho de 1986, fui transferido para uma nova congregação. Quatro meses depois, Ernie Furness, meu pastor-auxiliar na congregação e eu, levamos a comissão de nossa igreja para uma sessão de planejamento de fim-de-semana. Reunimo-nos na igreja e recebemos resposta semelhante à que tivemos com a igreja de Green Lake.

Planejamento do distrito

Um problema que muitos dos meus colegas enfrentam é como adaptar a sessão de planejamento da comissão, ao distrito com tantas igrejas. Passei seis anos de meu ministério em um distrito, de maneira que não estou alheio às necessidades especiais do pastor de muitas igrejas. As congregações de um distrito têm personalidades separadas e distintas, e o fato de terem um pastor comum não é garantia de que têm muito em comum.

De acordo com minha experiência, creio que não é bem o ideal ter juntos uma sessão de planejamento. Na verdade, ela pode ser mais negativa do que positiva. Enquanto não desenvolvi e usei um programa tão pormenorizado quanto o que foi mencionado acima, as primeiras bases para o planejamento da igreja repousaram na experiência que eu tinha nas igrejas do distrito. Depois do primeiro ano mais ou menos em um distrito, comecei a perceber que eu não poderia usar os mesmos programas e maneiras de agir em cada uma das três igrejas. Cada igreja tinha suas próprias necessidades, habilidades, comunidade e possibilidades. Elas mesmas queriam ter seus alvos separados, não definidos. Fiz o propósito de encontrar um método para definir o indefinível e examinar com os membros da comissão o que eles gostariam de fazer em suas congregações e comunidades, e como gostariam de fazê-lo.

Em duas ocasiões, dirigi sessões de planejamento juntas. Particularmente, não fiquei satisfeito com a maneira em que cada uma se comportou. Verifiquei que existe presente em um distrito uma dinâmica sutil que tem a tendência de separar, mais do que unir as igrejas. Os membros de uma congregação não participaram, uns poucos membros da segunda igreja vieram, mas a maioria dos participantes ficaram distantes da congregação mais próxima onde nos reunimos.

Tentar dividir os participantes por igreja, deu origem a alguns pequenos grupos, e pô-los todos juntos significava que grupos estavam trabalhando em assuntos pertinentes apenas a uma parte do grupo. A solução foi reunir-me separadamente com cada igreja. Eu proporia que talvez fosse bom fazer a mesma coisa com este programa. Certamente a mesma agenda de fim-de-semana poderia ser usada em todas as igrejas do distrito, mas acho que cada congre-

gação deveria reunir-se independentemente.

Pode não constituir a coisa mais importante reunir-se separadamente com as congregações ou em conjunto, usar uma agenda "enlatada" ou criar um programa feito por encomenda. O

que creio ser importante é que nós pastores animemos e facilitemos a sessão de planejamento da comissão anual da igreja. Acho-a uma opinião valiosa na guerra contra as conversas ocas da comissão da igreja.

Agenda para um Retiro de Planejamento de Fim-de-semana

Sexta-feira à noite, das 7:30-9:30h: Serviço de Cântico. Tempo para Refletir e Orar. Tempo para informações (Dividimo-nos em grupos de oito). Os parentes não devem estar no mesmo grupo. Os grupos ficaram juntos durante todo o fim-de-semana. O coordenador do grupo para a primeira sessão foi o membro mais novo de nossa igreja.)

1. Apresente ao grupo uma breve história pessoal. Inclua a história de sua família e descreva quando e como sua família se tornou adventista.

2. Faça uma lista dos acontecimentos e pessoas importantes de sua vida, incluindo quem da congregação exerceu influência significativa em sua vida.

3. Fale sobre suas esperanças e objetivos, quando estes se relacionam com a congregação.

4. Numa sentença, descreva a você mesmo.

5. Às 9:00h termine e tome tempo para refletir e para partilhar a experiência da noite que o afetou.

9:30h: Bênção.

Sábado, 9:45h da manhã: Devocional.

10:00-12:15h: Análise na congregação local.

Introdução e divisão em pequenos grupos.

Pontos a considerar:

1. O que é o ministério?

2. Defina as categorias de ministério que você acredita serem necessárias em sua congregação durante o próximo ano.

3. Que papel desempenha a comissão da igreja no desenvolvimento da espiritualidade da congregação? Como pode isto ser implementado?

4. Apresente ao grupo recomendações específicas pormenorizadas em favor da vida espiritual da congregação.

12:30h: Lanche no restaurante.

1:00-2:00h: Intervalo.

2:00-2:45h: Relatórios dos pequenos grupos. (Cada sugestão foi escrita em papel de imprensa e afixada à parede para todos verem.)

2:45-3:15h: Exame das recomendações, e escolha das propostas específicas a serem consideradas pela comissão da igreja no ano vindouro. (Isto foi feito, tornando-se prioritários os itens em três categorias: urgentes, necessários e úteis.)

3:15-3:30h: Intervalo

3:30-4:45h: Discussão do ministério pastoral na igreja local.

Introdução: Presidente da comissão.

Discussão de pequeno grupo.

Pontos a considerar:

1. Qual é uma ocupação apropriada para o ministério pastoral?

2. Que fatores devem ser levados a efeito para promover e valorizar o ministério além deste período de tempo?

3. Que papel pode a comissão da igreja desempenhar para promover ministério eficaz além desse período de tempo?

Baseado na discussão acima, apresente propostas específicas para ampla discussão pelo grupo. (Estas já foram relatadas em papel de imprensa e afixadas na parede.)

4:45-5:15h: Intervalo.

5:45h: Jantar no restaurante.

6:45-7:30h: Relatório e discussão das sessões anteriores e a escolha dos itens específicos para consideração posterior pela comissão da igreja.

7:30-7:45h: Intervalo.

7:45-8:30h: Discussão em grupo.

Faça uma proposta para um programa que possa ser iniciado para influenciar positivamente um grupo específico tal como os sem-igreja, os não cristãos, grupo de idade específica ou grupo de interesse, tal como defensores da saúde, os estudantes, ou outros. Qual você entende ser o propósito do programa que você sugere?

Prepare uma proposta específica para o território do programa apresentá-lo amplamente ao grupo.

8:30h: Bênção.

Domingo

10:00h: Oração.

10:01-10:45h: Relatório da noite anterior e escolha dos itens a serem considerados depois pela comissão.

10:45h: Exame das necessidades e interesses que exigem maior atenção.

11:30h: Resultado final.

12:00h: Oração final.

O Cristão e o Preconceito

Por que as pessoas religiosas em geral são suscetíveis ao preconceito, e de que maneiras pode este ser combatido?

Preconceito. Palavra feia — uma atitude que podemos discernir facilmente e, via de regra, podemos condenar em outras pessoas, mas achamos muito difícil admitir em nós mesmos. Clifford T. Morgan explica a dinâmica: “Preconceito é, na realidade, uma forte tendência para *caracterizar em excesso* as pessoas. Ele aglomera muitos indivíduos com base em algum característico comum e grandemente irrelevante. ... Cada membro do grupo é então considerado como tendo os mesmos característicos.”¹

Temos a tendência de nutrir preconceito para com membros de grupos que diferem daqueles nos quais nos sentimos confortáveis: outras raças, o outro sexo, outras religiões, outros grupos sócio-econômicos, etc.

O preconceito não se manifesta em franca discriminação; ele se revela muitas vezes em exclusivismo ou falta de compaixão social. As pessoas preconceituosas não oferecem ajuda a “grupos de fora”, especialmente quando essa ajuda pode incorrer em sacrifício pessoal. Se elas não detestam francamente estes grupos de fora, no mínimo desconfiam deles e são indiferentes a sua condição. Elas parecem considerar estes infortúnios dos grupos de fora como castigo auto-infligido.

O preconceito e a religião

Visto que o preconceito é repulsivo, em geral não queremos admitir perpetrá-lo. E, na verdade, os cristãos deveriam ser as pessoas mais sem preconceito de qualquer grupo. Nosso Deus é definido como amor (I S. João 4:8), e a recomendação para amarmos o nosso próximo como a nós mesmos baseia-se em nossa religião (S. Mat. 22:37-39). Na parábola do Bom Samaritano (S. Luc. 15:25-37), Jesus estendeu o con-

ceito de “próximo” aos grupos alheios ao nosso. A igreja primitiva devia aprender que o evangelho deve ligar as divisões entre judeus e gentios, escravos e livres, homem e mulher (Gál. 3:28). Devia descobrir que Deus não é parcial para com nenhum grupo de pessoas (Atos 10:34 e 35), e que o favoritismo ao lidar com classes sociais é pecado (S. Tia. 2:1-9).

Isto seria o ideal. Qual é a realidade? Temos aqui um paradoxo. Mais de vinte e cinco anos atrás, Gordon Allport declarou que cientistas sociais e psicológicos observaram que, “em média, as pessoas religiosas são mais intolerantes do que as que não são religiosas”² Doze anos mais tarde, Andrew Greeley observou: “Os dados da pesquisa sobre a relação entre a religião e o preconceito são esmagadores.”³

Por volta desse tempo, J. D. Davidson esteve fazendo reportagem sobre um estudo das congregações Batista e Metodista em Indiana. Ele notou que os membros leigos que alcançavam notas altas numa quantidade de crenças verticais (crenças a respeito de Deus), tinham a tendência de obter notas baixas numa porção de “conseqüências sociais” (participação em várias formas de ativismos sociais motivados religiosamente), enquanto aqueles que recebiam notas altas em uma quantidade de crenças horizontais (i.e., importância das pessoas) recebiam notas altas em conseqüências sociais.⁴ Mais recentemente, Daniel Batson e Larry Ventis concluíram: “Ao menos para os cristãos brancos da classe média, nos Estados Unidos, a religião não está associada com o aumento do amor e da aceitação, mas com o aumento da intolerância, do preconceito e do fanatismo.”⁵

Como pode ser isto? À primeira vista, a situação parece incompatível e inacreditável. Um erudito cristão descreve os contrastes que de-

vemos esperar encontrar: “A fé cristã proclama a união da humanidade; o preconceito separa os homens. A fé cristã procura tornar a vida mais plena e mais enriquecida; o preconceito diminui e limita a vida dos homens; o preconceito guinda alguns homens para se tornarem soberanos de outros. A fé cristã lança fora o temor; o preconceito origina-se no temor.”⁶

Por que a relação?

Os estudiosos da religião e do comportamento identificaram certo número de fatores que podem levar muitas pessoas ao fanatismo. Comentarei abreviadamente sete deles.

A doutrina da revelação. Se Deus nos deu a verdade, devemos estar certos. Se estamos certos, os outros devem estar errados. A posse da “verdade” apresenta um verdadeiro campo minado para aqueles que abraçamos a religião revelada. Requer senso apurado de equilíbrio o atravessar este campo sem pisar nos explosivos. “Existe aqui um paradoxo. Por um lado, a religião ensina o amor, o respeito e a equidade; mas, por outro lado, ela ensina o particularismo — somente a religião eleita tem a verdade e pode oferecer salvação.”⁷ Esta crença, em combinação com outras necessidades psicológicas, abre amplamente a porta para o preconceito.

Pessoas escolhidas. Intimamente relacionada com a doutrina da revelação está a doutrina da eleição: Deus escolheu o meu grupo (igreja, raça, sexo) de alguma forma especial. “Seja qual for a justificativa teológica que a doutrina possa ter, o ponto de vista de que o grupo de um é escolhido (e outros grupos não o são) leva imediatamente ao distanciamento da irmandade, à intolerância. Assim acontece porque ele nutre o orgulho e a fome do indivíduo por *status* — duas importantes bases psicológicas do preconceito.”⁸

Greeley diz que “os grupos religiosos... constituem, dentro da sociedade maior, várias associações de grupos interiores que, por seu turno, geram desconfiança, temor e hostilidade para com os membros do grupo de fora, uma hostilidade poderosa, principalmente porque as diferenças sentidas são o primeiro resultado de toda socialização. O crescimento religioso... significa não só o crescimento como membro de um grupo religioso, como também como alguém distinto dos membros de outros grupos

religiosos e distintamente em oposição a estes.”⁹

Batson e Ventis explicaram que a religião pode “justificar a rejeição calosa de alguém que não gosta de si mesmo. Pois aqui parece estar um colorário trágico, involuntário, para saber se o indivíduo está entre os eleitos de Deus. Se alguns são os ‘eleitos’, as ‘ovelhas’, o ‘povo escolhido’, a ‘família de Deus’, então os outros são os ‘malditos’, os ‘bodes’ os ‘rejeitados’, os ‘infiéis’. Longe do encorajamento do amor fraterno universal, tais rótulos certamente encorajarão à rejeição e à intolerância.”¹⁰

Focalizar a salvação. Uma coisa que diz respeito à vida além desta, a salvação pessoal pode levar à falta de interesse pela condição temporal das pessoas. Milton Rokeach realizou uma pesquisa na qual ele pedia que as pessoas mencionassem 18 valores de importância. Aqueles que colocaram a “salvação” no alto de sua escala de valores, foram os mais ansiosos por manter o *status quo*, e em geral foram os mais indiferentes às necessidades das minorias e do pobre. Eles eram significativamente inferiores em compaixão social e mais contrários aos direitos civis do que aqueles para os quais a salvação era de menor importância.¹¹

É possível nos concentrarmos tanto nas recompensas do mundo futuro que nos esqueçamos deste. A estima pela nossa própria salvação pode levar a uma falta egoísta de estima pela dos outros. Se, pois, não notarmos o necessitado e o oprimido, nossa mensagem para eles pode soar como: “Suporte estoicamente. Quando Jesus vier você será recompensado”. Foi a tendência das pessoas religiosas para tolerarem a injustiça por causa da promessa de futuras recompensas que levou Karl Marx a rotular a religião de “o ópio do povo”.

A ética do trabalho. Paradoxalmente, os cristãos podem tornar-se preconceituosos por uma razão oposta à transcendência. A denominada “ética protestante” estimula os crentes a trabalharem arduamente e a não gastarem dinheiro em prazeres frívolos. Como resultado, estes cristãos têm a tendência de acumular posses e progredirem na escala sócio-econômica. Eles podem vir a considerar sua prosperidade como sendo um sinal do favor de Deus e considerar os menos afortunados como estando no desfavor divino. Estes cristãos se comparam com outros e concluem que, na verdade, eles se sentiriam inteiramente bem em um sistema no qual

as recompensas se baseiam no mérito.

Allport descreveu o fenômeno da seguinte maneira: "Para muitas pessoas, a religião é um hábito enfadonho, ou uma vestimenta tribal a ser usada em cerimônia ocasional, para conveniência familiar, ou para conforto pessoal. É algo para se usar, mas não para se viver. E ela pode ser usada de várias maneiras: para aumentar o *status* do indivíduo, para sustentá-lo a confiança própria, para aumentar seus rendimentos, para conquistar amigos, poder ou influência. Pode ser usada como defesa contra a realidade e, mais importante, para prover uma super-sanção para a própria maneira de viver do indivíduo. Tal sentimento me diz que Deus vê as coisas à minha maneira."¹²

Conservadorismo religioso. Por sua própria natureza, a igreja é um agente do conservadorismo. Os cristãos adoram a um Deus "que não muda", e falam de verdades eternas. Vivendo em um mundo assinalado por mudanças rápidas em tecnologia, ciência, ajustes e categorias sociais, eles consideram a igreja como a única instituição com a qual podem contar para preservar o melhor do passado — uma coluna de estabilidade por meio da qual preservar a ordem e a segurança em sua vida. Douglas Walrath nos lembra de que a igreja dá realce à tradição em quase todo aspecto desta vida.¹³ Os religiosos podem ver os membros dos grupos de fora como ameaça à estabilidade e permanência de sua própria maneira de viver.

Satisfação das necessidades. É um axioma psicológico o fato de que o comportamento é o resultado da tentativa de satisfazer as necessidades. Na maioria das vezes o preconceito atende a uma necessidade de superioridade ou *status*,¹⁴ seja mental, moral, religiosa ou social. Mas a religião pode também satisfazer a esta necessidade. Podemos considerar-nos superiores àqueles que não possuem nem a "verdade" nem o "relacionamento" com Deus, que temos. Podemos não ter a riqueza, o poder, ou o prestígio que possuem as outras pessoas de nossa sociedade, mas em nossa religião temos algo muito melhor do que elas, de maneira que podemos olhar para elas com certo enfatuamento. E podemos em especial sentir a necessidade de distanciar-nos daqueles que são bem inferiores a nós na escala teológico-social.

"A razão por que as pessoas religiosas são em média mais preconceituosas do que aquelas que não vão à igreja, não é que a religião instile o

preconceito. É, antes, porque um grande número de pessoas, em virtude de sua disposição psicológica, requer para sua economia de vida tanto o preconceito como a religião."¹⁵ Assim, se elas próprias são duvidosas e inseguras, o preconceito aumenta sua auto-estima e a religião traz segurança. Se elas estão oprimidas pela culpa, o preconceito provê um bode expiatório e a religião proporciona alívio. Se elas temem o fracasso, o preconceito explica, através da postulação, que os grupos de fora ameaçam, e a religião assegura uma recompensa.¹⁶

Restrito estilo cognitivo. A última ligação entre religião e preconceito que discutiremos, envolve o modo como as pessoas processam a informação. As pessoas preconceituosas muitas vezes possuem rígidos hábitos de pensar. Falta-lhes complexidade no processamento da informação e, assim, preferem as respostas simples, sem ambigüidade, pretas ou brancas. Tanto a religião como a intolerância muitas vezes atendem às necessidades daqueles que exigem clara distinção entre o bem e o mal.¹⁷

James Dittes resumiu os dados da pesquisa sobre as características da personalidade que acompanham o preconceito: 1) necessidade de estrutura inalterável; 2) necessidade de absolutismo religioso ("Dizer: 'Não sei', deixá-los-ia à mercê de sua âncora cognitiva"); 3) mentalidade estreita — não se predispõem a novas idéias; e 4) alta estima pela hierarquia e a ordem.¹⁸ As pessoas inflexíveis muitas vezes procuram uma religião que fale com certeza, pois tal religião oferece proteção contra a ambigüidade que elas não podem tolerar. As novas idéias e os grupos diferentes lhes ameaçam a estabilidade — pois se algumas coisas são incertas, então talvez não se possa contar com nada.

Maneiras de ser religioso

Conquanto haja explicações perfeitamente razoáveis para a relação entre o preconceito e a religião, nem todas as pessoas religiosas, naturalmente, são preconceituosas. Muitos estudiosos do assunto acreditam que a maneira como os indivíduos integram a religião a sua vida, acentua a diferença. Richard Gorsuch e Daniel Aleshire, por exemplo, observaram que os não membros e os membros muito ativos são os menos preconceituosos, e os marginalmente ativos mais preconceituosos.¹⁹

Vários eruditos aplicaram tabelas diversas para os pólos extremos da religiosidade. As

mais conhecidas e mais completamente pesquisadas são a dimensão “extrínseca” e a “intrínseca” que Allport descreveu. A primeira é “uma forma de vigilância religiosa auto-servidora, utilitária, autoprotetora, que proporciona ao crente conforto e salvação a expensas dos grupos de fora”. A última “indica a vida que acolheu as crenças totais de sua fé sem reserva, entre as quais o mandamento de amar o próximo. A pessoa dessa espécie tenciona mais servir sua religião do que fazer com que ela o sirva”.²⁰

Dittes identificou duas espécies de religião na parábola do filho pródigo de São Lucas 15. A atitude franca, generosa do pai, caracteriza a religião pródiga, e a “obediência servil e desejo de recompensa”, do irmão mais velho, simboliza a religião contratual. Dittes salienta que o preconceito está associado com a religião contratual, não com a religião pródiga, porque “o preconceito, afinal de contas, tem uma íntima semelhança de família com a religião contratual. ... Em um momento de religião contratual, estamos tomando os insondáveis mistérios de Deus e suas relações conosco e transformando-os em uma ação (e.g., ir à igreja) ou em um objeto (e.g., rosário) ou numa regra (e.g., ‘não beba’) que é sondável e manejável, mas que agora é também forçado a ser tratado como Deus. ... Num momento de preconceito, estamos transformando os ricos e insondáveis mistérios de outras pessoas em estereótipos ou gravuras ou dizeres que podem ser dirigidos, em nosso benefício, mas que têm pouca semelhança com as verdadeiras pessoas. A mente preconceituosa e a mente contratual — como a do irmão mais velho — reduzem sua experiência e seu mundo a limites estreitos e conhecidos que elas possam patrulhar e controlar.”²¹

Dessa forma, resolvemos o problema da religião e do preconceito não ao abandonar a religião, mas substituindo a religião contratual e a extrínseca pela pródiga e intrínseca. Ou talvez melhor ainda, amadurecendo em nossa experiência religiosa.

Em 1950, Allport publicou sua primeira maior declaração distintiva entre a religião imatura e a madura. Ele apresentou seis critérios que identificam a fé religiosa madura.²² Roland J. Fleck resume e comenta estes critérios como segue:

1. *Bem diferenciados.* O cristão amadurecido sabe que a religião é complexa, e examina continuamente sua fé.

2. *Dinâmico.* A fé amadurecida pode resultar de necessidades simples, mas, com o tempo, torna-se a principal força motivadora.

3. *Consistente.* A vida religiosa amadurecida produzirá uma moralidade consistente.

4. *Compreensiva.* A fé amadurecida suscita todas as perguntas cruciais da vida, procurando respostas funcionais para estas perguntas. A tolerância será a característica natural desta abrangência.

5. *Integrante.* A religião do cristão amadurecido não é regionalizada ou isolada de outros aspectos do mundo.

6. *Solucionadora de problema.* O cristão amadurecido está sempre procurando descobrir a verdade — reconhecendo, contudo, que a entrega não requer completa certeza.²³

Quando avançamos em tal maturidade, não perdemos nossa fé religiosa ou mesmo nossa crença na revelação e eleição. “Mas o dogma é temperado com a humildade; em harmonia com a injunção bíblica, (nós detemos) o juízo até o dia da colheita. Um sentimento religioso dessa natureza inunda toda a vida de motivação e significado. Já não se limita a segmentos isolados de interesse pessoal. E só com um sentimento religioso tão amplo lança raiz firme o ensinamento de fraternidade.”²⁴ Religião tão amadurecida produz a habilidade de “agir com sinceridade mesmo sem certeza absoluta. Ela pode estar certa sem ser infalível”.²⁵

Vencendo o preconceito

Uma vez que entendamos o preconceito, podemos ter uma sensação de ultraje — um preconceito contra as pessoas preconceituosas. Devemos, porém, ser muito cuidadosos. “Quando atacamos o preconceito, em nós mesmos ou em outros, e procuramos censurá-lo ou afugentá-lo, raramente somos bem-sucedidos. Pois nossa censura e nossa ameaça apenas aumentam a necessidade em favor do preconceito. ... Se queremos banir o preconceito, devemos anular a necessidade em prol do preconceito, não aumentar a necessidade.”²⁶

Dittes sugere várias maneiras em que a comunidade cristã pode enfraquecer as necessidades de satisfazer o preconceito:

1. Quando o preconceito traz sentimentos de importância e superioridade ao considerar os outros inferiores, a comunidade cristã pode suprir estes sentimentos mais profunda e mais seguramente oferecendo o mesmo habilitador

abraço que o pai do pródigo ofereceu a ambos os filhos.

2. Quando o preconceito traz o defensivo poder da paliçada e o poder agressivo da dominação de vidas alheias, a comunidade cristã oferece o poder que vem de nos predispor-mos às infinitas riquezas da criação de Deus e às muitas criaturas maravilhosas nossas iguais.

3. Quando o preconceito faz as pessoas se sentirem como triunfantes, ao permitir que elas estejam em evidência, a comunidade cristã pode mostrar que as categorias de vencedores e perdedores são aspectos transitórios de nossa cultura. O auge do sucesso de Deus é o serviço e a cruz.

4. Quando o preconceito desenvolve o sentimento de pertencer a um grupo "de dentro" em face de isolamento e solidão, e produz um senso de solidariedade de grupo ao criar separações artificiais entre este grupo e os "de fora", a comunidade cristã pode encontrar maneiras, entre os grupos pequenos e os grandes, de criar um senso de verdadeiro objeto de propriedade.

5. Quando o preconceito ajuda as pessoas a conviverem com um mundo aterrador, encerrando-as em pequenas fortalezas, a comunidade cristã pode mostrar-lhes que elas não precisam salvar-se a si mesmas. Isto já foi feito.²⁷

Conquanto, como cristãos, devamos ver o preconceito como pecado, devemos também seguir o exemplo de Jesus e amar o pecador. Quando amamos e aceitamos as pessoas preconceituosas, diminuímos a insegurança que lhes alimenta o preconceito; tornamo-lo desnecessário. Não somente isto, estabelecemos o comportamento apropriado para lidar com aqueles que diferem de nós. O preconceito é uma tentativa de garantia de nosso valor pessoal mediante certas estruturas protetoras. A fé cristã diz às pessoas preconceituosas: "Seu valor pessoal não necessita de garantias tão frágeis. Ele já está assegurado por Alguém cuja garantia não pode ser desafiada nem mudada."²⁸

1. Clifford T. Morgan, *A Brief Introduction to Psychology* 2ª ed. (Nova Iorque: McGraw-Hill, 1977), págs. 383 e 384.

2. Gordon W. Allport, *Personality and Social Encounter* (Boston: Beacon Press, 1960), pág. 257.

3. Andrew M. Greeley, *The Denominational Society* (Glenview, Illinois: Scott, Foresman and Company, 1972), pág. 207.

4. J. D. Davidson, "Religious Belief as an Independent Variable", *Journal for the Scientific Study of Religion* 11 (1972): 65-75.

5. C. Daniel Batson and W. Larry Ventis, *The Religious Experience: A Social-Psychological Perspective* (Nova Iorque: Oxford University Press, 1982), pág. 257.

6. James E. Dittes, *Bias and the Pious* (Minneapolis: Augsburg Publishing House, 1973), pág. 50.

7. Merlin B. Brinkerhoff and Marlene M. Mackie, "The Applicability of Social Distance for Religious Research: An Exploration", *Review of Religious Research* 28 (1986): 158.

8. Allport, pág. 258.

9. Greeley, pág. 216.

10. Batson and Ventis, pág. 254.

11. Milton Rokeach, "The H. Paul Douglas Lectures for 1969", *Review of Religious Research* 11 (Fall 1969): 3-39.

12. Gordon W. Allport, "Behavioral Science, Religion, and Mental Health", *Journal of Religion and Health* 2 (abril de 1963): 193.

13. Douglas A. Walrath, "Social Change and Local Churches: 1951-75", in *Understanding Church Growth and Decline: 1950-1978*, Dean Hoge and David Roozen, eds. (Nova Iorque: Pilgrim Press, 1979), págs. 248-269.

14. Morgan, pág. 386.

15. Gordon W. Allport, "The Religious Context of Prejudice", *Journal for the Scientific Study of Religion* 5 (Fall 1966): 451.

16. Dittes, págs. 60 e 61.

17. Ver Dittes, pág. 28; Greeley, págs. 211 e 213.

18. Dittes, págs. 30-32.

19. Richard L. Gorsuch and Daniel Aleshire, "Christian Faith and Ethnic Prejudice: A Review and Interpretation of Research", *Journal for the Scientific Study of Religion* 13 (1974): 281-307.

20. Allport, *Personality and Social Encounter*, pág. 257.

21. Dittes, págs. 75-77.

22. Gordon W. Allport, *The Individual and His Religion* (Nova Iorque: Macmillan, 1950), pág. 57.

23. "Dimensions of Personal Religion: A Dichotomy or Trichotomy?" in *Research in Mental Health and Religious Behavior*, William J. Donaldson, Jr., ed. (Atlanta: The Psychological Studies Institute, Inc., 1976), pág. 192.

24. Allport, *Personality and Social Encounter*, pág. 265.

Roger L. Dudley — Professor de ministérios cristãos e Diretor do Instituto de Ministérios da Igreja no Seminário Teológico Adventista, Berrien Springs, Michigan

Efeitos do Aborto

Que efeito exerce o aborto na demanda exercida em nossa sociedade? É o aborto um simples ato de um paciente não hospitalizado, que pode ser praticado e esquecido no mesmo dia?

Aproximadamente um quarto de todas as gestações nos Estados Unidos agora terminam em aborto. Embora não haja nenhuma estatística disponível sobre o número de mulheres adventistas que tiveram um aborto, o número parece ser bem grande em certas áreas.

Em 1986, a Corte Suprema dos Estados Unidos declarou que embora seja legal proverem os Estados informação sobre os riscos que envolvem a maioria das práticas médicas, é uma violação da Constituição dos Estados fornecer informação médica relacionada com os riscos do aborto. Por causa dessa lei, a responsabilidade de informar as mulheres nesse país agora recai grandemente sobre os médicos, clérigos e outros profissionais.

Como aconselharia você a uma mulher que viesse pedir sua opinião a respeito da possibilidade de ela praticar um aborto? Os conselhos que as mulheres recebem dos pastores adventistas variam grandemente, porque a igreja não tomou uma posição clara sobre o assunto.

O conselho que você dará depende do que você souber a respeito do aborto e suas implicações sobre a pessoa que tem o aborto e aqueles que a cercam. Devem interessar de modo especial os efeitos médicos e psicológicos sobre a mulher, os efeitos sobre outras crianças da família, os efeitos sobre o pai e a relação do casal, e os efeitos sobre o pessoal médico envolvido no procedimento.

Riscos médicos do aborto

De acordo com os quatro principais estudos médicos, as possíveis conseqüências médicas para as mulheres que tiveram dois ou mais abortos incluem diminuição de futuras condições de engravidar, duas a três vezes mais as chances de aborto ou do nascimento prematu-

ro de bebês, e duas a três vezes e meia mais a probabilidade de nascimento de bebês com peso inferior.

Efeitos psicológicos sobre as mulheres

As mulheres que têm um aborto enfrentam complicações emocionais que incluem culpa, ansiedade, depressão, sentimento de perda, revolta, perda da estima própria, pesadelos, volta ao passado e alucinações.²

Num artigo escrito para *Adventist Singles Ministry Bulletin*, Garland Day descreveu sua experiência ao reunir estes sofrimentos psicológicos dos efeitos do aborto. "Cada mês, quando atravesso a América do Norte, defronto-me com quatro a seis questões que estão procurando chegar a um acordo com o envolvimento pessoal que têm num aborto; pais que sonham com a criança que nunca existiu e seus sentimentos de culpa, remorso e pesar; mães que experimentam séria depressão, pensamentos de suicídio e sua incapacidade de aceitarem o perdão de Deus ou a elas próprias. Uma queixa comum, que ouço constantemente, é: 'Gostaria que alguém me tivesse dito como me sentiria depois; que eu apenas tivesse sabido mais acerca do aborto antes de concordar com ele.'"³

Um estudo de manifestações do aborto a longo prazo, como um acontecimento estressante entre trinta mulheres, revelou que 100 por cento haviam experimentado sentimentos de culpa, tristeza, remorso e perda; 92 por cento tiveram sentimentos de culpa, revolta e depressão; 85 por cento estavam admiradas com a intensidade de reação emocional; 81 por cento se sentiam como se tivessem sido logradas; e que, enquanto certa porcentagem se considerava como não sendo religiosas por ocasião do aborto, depois do ocorrido 96 por cento achavam que o aborto foi o tirar de uma vida ou um as-

sassínio. Sessenta e cinco por cento das mulheres do estudo tiveram idéias de suicídio e 31 por cento tentaram o suicídio.⁴

Por que as mulheres que abortaram se sentiram culpadas, quando as leis de nossa nação declaram que o aborto é legal? Como disse um autor, "o aborto viola algo muito básico na natureza de uma mulher. Normalmente ela é a doadora da vida. ... A maioria das mulheres que tiveram um aborto, acham que mataram seu bebê."⁵

As mulheres podem também sentir-se envergonhadas depois de seus abortos. Isto é diferente da culpa, que leva a mulher a achar que é uma "pessoa má".⁶ Em parte porque a família da mulher que abortou, o médico e o *staff* médico não querem ser envolvidos com seu remorso, ela é isolada dos meios comuns de apoio. Tampouco pode ela expressar sua dor através do processo funeral, porque a morte de seu filho não é aceita pela sociedade como uma realidade.⁷

No Japão, onde mais de 50 milhões de abortos ocorreram desde que a prática foi legalizada em 1952, algumas mulheres procuram aliviar sua dor comprando alguns pequenos Budas de pedra para colocarem em um templo como memoriais a seus "bebês de água". Um templo que tem mais de 10 mil dessas estátuas, tornou-se atração comercial.⁸

Enquanto alguns têm insistido em que ritual semelhante deveria ser praticado nos Estados Unidos, outros vêem isto como mais uma exploração do sofrimento das mulheres. Quão melhor seria ajudar uma mulher *antes* do aborto! Falar-lhe sobre as possíveis conseqüências e efeitos do aborto pode ajudá-la a decidir-se contra o ato e assim evitar a necessidade do ritual pós-aborto.

Aquelas que tiveram um aborto, podem necessitar de aconselhamento espiritual. Só quando a mulher que abortou é capaz de reconhecer seu senso de culpa e lutar contra ele, consegue confessar, e obter perdão e alívio.

Em *Abortion's Second Victim*, Pam Koerbel descreve sua própria experiência de aborto e seus efeitos subseqüentes sobre sua vida e matrimônio. Ela agiu através de sua dor e sofrimento, e encontrou perdão e alívio, com a ajuda de Deus e de seu marido. Ela sugere que no processo da cura, a mulher deve esquecer a si mesma e as demais pessoas envolvidas em seu aborto: médicos, enfermeiras, o serviço de aconselhamento e seu marido ou namorado.

Além disso, ela pede perdão a seus parentes que lamentaram sua decisão.⁹

O aconselhamento que as mulheres recebem antes de um aborto, muitas vezes é insatisfatório para prepará-las para as dificuldades psicológicas que elas enfrentam mais tarde. Os conselheiros podem usar expressões tais como "tecido fetal" e "produtos de concepção", ao referir-se ao que, na realidade, a mulher entenderá como sendo um filho ou uma filha. Às vezes, as mulheres sentem revolta e se sentem exploradas depois de seu aborto. E por que não? O aborto é agora a principal indústria nos Estados Unidos, totalizando cerca de 500 milhões de dólares ao ano.¹⁰

Um panfleto publicado por Women Exploited by Abortion (Mulheres Exploradas Por Causa de Aborto), uma organização destinada a ajudar as mulheres que convivem com as conseqüências do aborto, inclui declarações de várias mulheres, relativas a sua experiência com o aborto. Essas mulheres testificam das várias dificuldades mentais e físicas para enfrentar as quais seus médicos não as prepararam.¹¹

Os problemas psicológicos com os quais lida o WEBA incluem remorso, culpa, raiva, amargura, medo de castigo, preocupação com a data do nascimento ou idade do bebê percebido, necessidade de tornar-se grávida novamente (para ter um "bebê de compensação"), e atitude de auto-destruição, tal como o uso de droga e álcool, anorexia, e tentativa de suicídio.¹²

Estudos recentes no Canadá, revelam que "mesmo que uma mulher ache que o aborto foi uma escolha sábia na ocasião, isso não indica que não haverá nenhum problema com o remorso e a culpa não solucionados".¹³ As mulheres que têm aborto por "razões genéticas" também estão em perigo, de acordo com um estudo britânico.¹⁴ As mulheres que têm problemas psiquiátricos enfrentam riscos mais adiante, caso tenham um aborto.¹⁵ As mulheres violentadas ou estupradas, observou-se, sentem-se melhor emocionalmente quando têm seus bebês no tempo certo, desde que não sejam submetidas a uma segunda violência.

As crianças e o aborto

Os filhos da família de uma mulher que praticou aborto sofrem de várias maneiras. Às vezes a mulher que abortou tem dificuldade de

relacionar-se com o seu próximo filho, desenvolvendo até mesmo uma aversão por tocá-lo.¹⁶ Observou-se também que os índices de maus-tratos são mais elevados entre mulheres que tiveram aborto do que entre as que não tiveram.¹⁷

O psicólogo Philip Ney concluiu, de acordo com suas descobertas, que “a ampla aceitação do aborto leva a todas as crianças a alarmante mensagem de que o amor que elas recebem é condicional”. As crianças pequenas são muitas vezes informadas das gravidezes, insucessos ou abortos de suas mães, e respondem ao aborto “como o fazem as crianças que enfrentaram o maior desastre de sua vida”.¹⁸

Os homens e o aborto

De acordo com o Prof. Arthur Shostak da Universidade de Drexel, os homens também têm reações negativas para com a experiência do aborto. Sentem culpa, remorso, tristeza e pesadelos. Muitos sentem também uma “perda de paternidade”. Quando Shostak solicitou fundos aos Institutos Nacionais de Saúde para pesquisas posteriores, foi-lhe dito separado do registro, que ele lhe foi negado porque seu estudo poderia ser considerado como contrário ao aborto.¹⁹

O casal e o aborto

De acordo com Pam Koergel, as mulheres que têm aborto o fazem por temor.²⁰ Às vezes esse temor está relacionado com a perda de um relacionamento que elas estimam. Podem também ser pressionadas a praticar aborto pelos maridos ou namorados.

O pesquisador Emily Milling descobriu que em um estudo de mais de 400 casais que passaram pela experiência de um aborto, setenta por cento dos relacionamentos fracassaram.²¹ Linda Bird Franke observou que “quase todo relacionamento entre pessoas solteiras é interrompido ou antes ou depois do aborto”. A razão? O sexo torna-se associado com lembranças de sofrimento e culpa.²²

Alguns casais que se uniram em matrimônio depois de um aborto, experimentaram severo trauma em sua tentativa de conciliar sua decisão, enquanto outros se tornaram mais unidos quando resolveram seu sentimento de culpa por meio de um relacionamento saudável com o Senhor.²³

O pessoal médico e o aborto

O pessoal médico apresenta às vezes reações semelhantes às dos pais e mães que consentiram no aborto. O pessoal da enfermagem sente pesadelo, depressão e bebe em excesso. Elas podem também vir a ter ressentimento das mães que estão praticando aborto e ficar com raiva dos médicos que lhes permitem fazer o “trabalho sujo” de cuidar do feto morto depois de a mãe se livrar dele.²⁴

Os médicos muitas vezes têm dificuldade de reconciliar seus sentimentos. O Dr. John Szenens descreve o conflito: “Você tem que tornar-se um pouco esquizofrênico. Em uma sala você anima a paciente, dizendo-lhe que a leve irregularidade do coração do feto não é importante — que ela irá ter um bebê bonito e saudável. Então na sala seguinte você afirma a outra mulher, em quem, você acabou de fazer um aborto salino, que é bom que o coração seja irregular... que ela não deve preocupar-se, pois não iria ter um bebê vivo.”²⁵

Szenens descreve também como começou a fazer abortos de fetos de 15 a 16 semanas de vida e, mais tarde, de fetos de 24 semanas. Ele achava que essa progressão era uma boa coisa — caso contrário ele poderia ter tido mais de um dilema a respeito de estar ou não cometendo assassinios.

Um médico anônimo é citado em um livro, como a dizer: “A primeira vez me senti como um assassino, mas o fiz repetidas vezes, e agora, 20 anos depois, estou enfrentando o que me aconteceu como médico e como ser humano. É certo que trabalhei arduamente. Por certo, o dinheiro foi importante. E oh! foi coisa fácil, uma vez que dei este passo, considerar aquelas mulheres como animais, e seus bebês apenas como tecido.”²⁶

Legalidade e moralidade

O aborto legal em discussão pode parar por aí. Depende das decisões da futura Corte Suprema. É interessante notar que em 1975 a Corte Suprema da Alemanha Ocidental banuiu o aborto, em discussão durante o primeiro trimestre, declarando que “não podemos ignorar o impacto educacional do aborto com respeito à vida.”²⁷

Devemos lembrar que apenas pelo fato de uma coisa ser legal, isto não a torna necessariamente moral. No século XIX, a Corte Supre-

ma declarou que os negros não eram pessoas ou cidadãos como as palavras são usadas em nossa constituição. Nesse século a mesma Corte declarou outro grupo como não sendo pessoas.²⁸ Hoje concordamos em que a escravidão foi um erro. Não gostaríamos de um dia despertar e ver que o aborto também foi um erro?

O que a igreja pode fazer

Em âmbito local, os pastores e suas congregações precisam relacionar-se de maneira redentora com as mulheres que estão com gravidez de crise. Sei de uma jovem solteira da igreja adventista que deu à luz um filho. Por haverem os membros da igreja demonstrado amor e apoio na difícil fase, ela finalmente foi rebatizada e se casou com um homem cristão decidido, que se dispôs a adotar-lhe o filho.

Recentemente, visitei uma senhora cristã, casada, que estava grávida do terceiro filho. Disse-me que, por causa dos fortes enjôos, sentiu-se tentada a praticar aborto. Foi-me uma idéia descoroçoadora o imaginar que o aborto tenha vindo também com facilidade de uma opção. Procurei animá-la em sua gravidez, lendo uma passagem bíblica e orando com ela. Os textos úteis, que mostram o interesse e o plano de Deus pela criança em gestação incluem Salmo 139:13-16; Jeremias 1:5; S. Lucas 1:13-16; Gálatas 1:15.

Uma vez que 75 por cento dos abortos nos Estados Unidos são praticados por mulheres solteiras, parte da solução do problema está em ajudar as pessoas jovens a verem a importância da contenção das relações sexuais pré-mariais.

Necessitamos também apoiar mais as mulheres que preferem permanecer em casa e criar filhos. Algo tão simples como prover babá ocasional gratuita para uma mãe atormentada, pode ajudar a guardá-la de sentir a necessidade de um aborto, caso outro bebê esteja vindo muito próximo dos calcanhares de seu filho de passos vacilantes.

Precisamos considerar cuidadosamente o papel educativo que a igreja deve desempenhar na comunidade, e que apoio ela e seus membros devem dar às organizações que estão lutando para desestimular o aborto. Parece-me claro que a voz da igreja deve ser ouvida.

Na década de 1940 apenas alguns cristãos tais como Dietrich Bonhoeffer falou contra a perseguição dos judeus. Bonhoeffer, que é co-

nhecido principalmente por sua defesa em favor dos judeus, foi também contra o aborto. Ele escreveu que "a destruição do embrião no ventre da mãe é uma violação do direito à vida que Deus concedeu àquela vida nascente... e que nada mais é do que assassínio."²⁹

Bonhoeffer cria que finalmente a perseguição de Hitler aos judeus estender-se-ia aos cristãos. É importante notar que muitos outros morreram primeiro: "Os idosos, os fracos, os senis e mentalmente retardados e as crianças deficientes." Outros "julgados indesejáveis", entre os quais epiléticos, os amputados da Primeira Guerra Mundial, as crianças com orelhas deformadas e mesmo as que urinavam na cama. Os médicos tomavam parte nesse planejamento sobre assuntos de saúde e matavam para salvar o dinheiro da sociedade.³⁰

Hoje são principalmente os bebês em gestação que estão sendo sacrificados. Quando, porém, as pessoas se acostumam com isto, seu respeito pela vida se deteriora. Certamente os adventistas do sétimo dia, que convidam homens e mulheres para adorarem a Deus como Criador, Redentor e Amigo de todos, deveriam estar na vanguarda dos que estão procurando preservar a sociedade da perda de vista do amor de Deus por todos.

1. As estatísticas citadas nesta seção, são de uma folha de ocorrência, intitulada "Medical Complications Following Abortion" (The Shady Grove Pregnancy Center, 16.220 Frederick Avenue, Gaithersburg, Maryland).

2. M. H. Liebman, M. D., and J. S. Zimmer, "The Psychological Sequela of Abortion: Fact and Fallacy", in David Mall and Walter F. Watts, M.D., eds., *Psychological Aspects of Abortion* (Frederick, Maryland: University Publications of America, 1979). Citado em "Abortion: Some Medical Facts" (panfleto preparado por NRL Educational Trust Fund, 419 7th Street, NV, Suite 402, Washington, DC. 20.004).

3. Garland Day, "Abortion: A Noble Protest", *Adventist Singles Ministries Bulletin*, julho de 1986, págs. 6 e 7.

4. Anne Catherine Speckhard, "The Psycho-Social Aspects of Stress Following Abortion" (Christian Action Council, 710 W. Broad Street, Suite 405, Falls Church, Virginia).

5. Dr. & Mrs. J. C. Wilke, *Handbook on Abortion* Cincinnati, Ohio: Hiltz Publishing Company, 1972), págs. 41 e 42. Citado em Pam Koerbel, *Abortion's Second Victim* (Wheaton, Illinois: Victor Books, 1986), pag. 123.

6. Terry L. Selby, "Post Abortion Trauma", (Unpublished manuscript, Counseling Associated of Bemidji, Inc., Bemidji, MN 56.601), pag. 10.

7. *Idem*, pag. 15.

8. Baseado em uma transcrição de um documentário japonês de televisão. Citado em Curt Young, *The Least of These* (Chicago; Moody Press, 1983, 1984),

pág. 65.

9. Koerbel, págs. 148 e 178.

10. Young, pág. 30.

11. Ver panfleto "Before You Make the Decision", tirado de WEBA National Headquarters, P.O. Box 267, Schoolcraft, MI 49.087.

12. Patti McKinney and Jill Lessard, "Surviving Abortion: Help for the Aborted Woman", (WEBA panfleto).

13. "The Pain that Follows: Coping After An Abortion", (panfleto conseguido de Lifecycle Books, P.O. Box 792, Lewiston, NY 14.092).

14. *Ibidem*.

15. *Ibidem*.

16. Philip B. New, "A Consideration of Abortion Survivors", *Child Psychiatry and Human Development*, 13, Nº 3 (Spring, 1983), pág. 173. Citado em Young, pág. 68.

17. TYoung, pág. 67.

18. *idem*, págs. 66 e 67.

19. *Idem*, págs. 65 e 66.

20. Koerbel, pág. 121.

21. Day, pág. 6.

22. Linda Bird Franke, *The Ambivalence of Abortion* (Nova Iorque: Random House, 1978), pág. 47. Citado em Young, pág. 56.

23. Koerbel, pág. 10.

24. Young, pág. 93.

25. Dra. Magda Denes, "Performing Abortions", *Commentary*, outubro de 1976, págs. 35 e 37.

26. John Rice, *The Murder of the Helpless Unborn ... Abortion* (Murfreesboro, Tennessee: Sword of the Lord Publishers, 1971), pág. 31.

27. John Powell, S. J., *Abortion: The Silent Holocaust* (Allen, Texas: Argus Communications, 1981), pág. 128.

28. Young, págs. 6 e 15.

29. Citado por Powell, pág. 29.

30. *Ibidem*.

Ardyce Sween — Ex-capelã do
Hospital Adventista de Washington

A Mulher no Ministério

*É seu programa como esposa, de tal sorte
que você tem que falar com você mesma
para ter uma conversa com um adulto?*

A Comissão sobre o Papel das Mulheres trouxe recentemente a Washington, D. C. uns 80 homens e mulheres de todas as partes do mundo, para discutir principalmente a ordenação das mulheres ao ministério evangélico. Foram enviados à comissão, e promissoramente estudados por cada um de seus membros, vinte e dois trabalhos. O primeiro dia foi gasto com pequenos grupos de trabalho. O segundo e o quarto, foram reservados a sessão plenária. Uns poucos vieram com — pode-se dizer — discursos enfadonhos, alguns feitos por homens e muitos por mulheres. A maioria das senhoras falou em favor da ordenação de mulheres, enquanto umas poucas falaram contra.

O terceiro dia foi um dos mais proveitosos para mim. Sete senhoras foram solicitadas a falar sobre sua experiência pessoal no ministério. Simpatizamos com seus sentimentos de frustração e desapontamento pelas limitações impostas a seu ministério. Elas falaram de sua

consternação por não lhes ser permitido batizar aqueles que elas haviam ganho, ou fazer o casamento das pessoas que haviam pastoreado. Umhas sete sentiam-se muito realizadas em seu ministério, embora não tivessem sido ordenadas. Elas achavam que a ordenação de mulheres não era necessária para o sucesso no ministério. Algumas delas, contudo, não haviam estado em alguma outra forma de ministério a não ser o ministério pastoral.

Lidávamos com o "argumento do silêncio". Se a Bíblia não diz claramente que as mulheres não devem ser ordenadas, significaria isto que a igreja está livre para tomar sua própria decisão? Ou significa que nos teríamos afastado do *sola scriptura*?

Uma opção era permitir que cada Divisão determinasse se as mulheres devem ou não ser ordenadas. A maioria das Divisões de fora da América do Norte era contrária à ordenação de mulheres. Por que não ordená-las na Divisão Norte-Americana? Uma resposta é que somos

uma igreja mundial. Quando um pastor adventista é ordenado, a igreja o está autorizando a representá-la em qualquer lugar do mundo. Estar dividido a respeito de um assunto tão significativo como este, poderia fragmentar seriamente a igreja. Uma segunda resposta é que há divergências significativas quanto ao assunto, na América do Norte — mesmo entre membros do sexo feminino. A América do Norte deveria ser cuidadosa no que tange a censurar a igreja mundial por impedir a ordenação de mulheres.

A Comissão recebeu um relatório preliminar de um estudo ainda incompleto, feito por três grupos de mulheres adventistas. Elas apresentaram, por ordem de importância, 21 assuntos relacionados com as mulheres adventistas nos Estados Unidos. Os três grupos concordaram em que o assunto de maior interesse era “a necessidade de igual compensação, reconhecimento e promoção”.

Um dos três grupos era formado por mulheres que se haviam organizado para salientar o papel das mulheres na igreja. Esse grupo colocou a “ordenação das mulheres na igreja ASD” como o número dois, em importância. Os outros dois grupos, contudo, colocaram isto como o número 18 e o 19, respectivamente. Muitas mulheres adventistas americanas não consideram que a ordenação das mulheres seja um assunto grandemente significativo.

É necessário mais estudo ainda

O espírito da reunião foi excelente. As opiniões divergiram grandemente; contudo, prevaleceu um cordial espírito cristão. Era evidente que o grupo estava cooperando sob a influência do Espírito de Deus para saber a vontade de Deus. Infelizmente, os quatro dias vieram e passaram, e o pensamento do grupo ainda não se havia cristalizado. Embora o material de pesquisa fornecido à Comissão tivesse formado uma pilha de trabalhos escritos de quase quatro centímetros de altura, achamos que ainda fosse necessário mais informação. Precisávamos de mais estudo e de melhor compreensão da teologia adventista da ordenação. E, dessa maneira, terminamos com o acordo de que se devia estudar mais a questão e de que nos reuniríamos no ano seguinte.

Você pode ter notado em sua comissão de igreja aqueles membros de comissão que têm a tendência de se enquadrar em uma das três categorias: o *defensor*, que se inclina a favore-

cer, quando o plano é lançado; o *opositor*, que quase certamente estará contra ele; e o *conciliador*, que tipicamente busca um meio-termo ao qual os outros dois podem chegar. Permitam-me assumir por um momento o papel do conciliador e sugerir que, embora não haja ainda acordo sobre a ordenação das mulheres ao ministério, talvez estejamos chegando a consenso em três aspectos:

Desenvolvimento do consenso

1. *Os homens e as mulheres são iguais.* A Comissão do Papel das Mulheres defendeu constantemente essas funções, que podem ser consideradas princípios morais, ao invés de apenas preferências culturais. A igualdade de homens e mulheres é um desses princípios.

Há três membros iguais na Divindade. Suas funções são diferentes, mas nenhum é inferior ao outro. Assim é entre o homem e a mulher. Seus papéis são diferentes. Deus deu ao homem a responsabilidade da liderança amorosa no lar. Mas nenhum é inferior ao outro. Os homens e as mulheres são iguais.

2. *As mulheres são chamadas para o ministério e a ele necessárias.* Toda a área de dons espirituais salienta que as mulheres são dotadas e chamadas pelo Espírito Santo tão certamente quanto os homens.

Uma das maneiras de a igreja perder os benefícios especiais que muitas mulheres trazem ao ministério, seria mantê-las fora do ministério. Outra maneira seria esperar que elas exerçam um ministério baseado apenas em um modelo masculino. Não é necessário que a mulher ministre como o faz o homem, a fim de estar no ministério.

As mulheres são muitas vezes superiores aos homens em ministrar às mulheres, às crianças, aos feridos e qualquer outro ministério que exija meiguice, sensibilidade, amor e um destaque relacional. Não concordaremos em que muitas mulheres trazem a tal ministério maiores dons do que o faz a maioria dos homens?

Não me oponho a que uma mulher exerça sozinha o pastoreio de uma igreja. Contudo, na presente situação, mesmo nos Estados Unidos, provavelmente uma mulher tenha que ser uma pessoa mais excepcional do que um homem para ser aceita e bem-sucedida como único pastor de uma igreja. Por outro lado, uma mulher leva às vezes muitas vantagens sobre o homem em certos tipos de ministério. Não concorda-

riamos em que ela seria encorajada e apoiada nesses ministérios?

Muitas vezes as mulheres são qualificadas apenas para ministérios especializados. Precisamos delas como capelãs nas instituições de saúde e como líderes na estrutura departamental da igreja. Precisamos de mulheres ministradoras no quadro das igrejas de múltiplos pastores.

Quando Deus fez a humanidade à Sua imagem, Ele a fez homem e mulher. Nenhum deles possui todos os característicos para refletir a completa imagem de Deus. Esta, envolve a ambos. Onde é necessário que a congregação tenha mais de um pastor, há vantagem em incluir tanto mulheres quanto homens. Juntos, eles possuem mais dos característicos de Deus e podem representá-Lo mais completamente à congregação. É curioso que cada um dos pastores de juvenis, da comissão de igrejas de pastores múltiplos, falou em favor da ordenação de mulheres. Tendo trabalhado com pastoras em seu próprio quadro, eles estavam convencidos de sua eficácia em tais segmentos.

Necessitamos de um número maior de maridos e esposas juntos, no ministério, para o qual ambos foram chamados, e no qual foram treinados e entraram com tempo integral. Esta é uma das soluções mais simples para os problemas preocupantes com que se defronta a esposa ministrante, quando a igreja a transfere para um novo distrito e seu marido não pode deixar sua ocupação. Precisamos de mais equipes de missionários de homem e mulher, ou seja, de casais.

3. *Devemos ter uma maneira de validar o ministério das mulheres e de mostrar apreciação por seu ministério.* Muitas das mulheres ministras não se acham tão interessadas em lutar pela ordenação, como estão ansiosas por saber que são necessárias e fazem parte do ministério. Embora ainda não tenhamos chegado a um acordo quanto a fazer isto por meio da ordenação, a igreja já autorizou outros meios de realizá-lo.

Em geral a igreja dá às mulheres ministrantes uma Licença de Ministro Comissionado quando elas iniciam seu ministério. De acordo com a orientação da Divisão Norte-Americana, essa licença se destina aos que estão em ministérios especializados, tais como os associados

no cuidado pastoral, tesoureiros, diretores departamentais, capelães de instituições de saúde, administradores das instituições principais e diretores de escolas secundárias. Essa licença foi dada primeiramente na América do Norte. Agora, contudo, outras Divisões estão sendo incentivadas a usá-la quando necessário.

A licença é substituída por uma credencial depois de aproximadamente cinco anos. Quando isto acontece, diz a orientação: "Recomenda-se que um serviço apropriado de comissionamento seja dirigido ao ser-lhes conferida uma Credencial de Ministro Comissionado." Embora esse comissionamento formal raramente seja praticado, está sendo agora recomendado um serviço de comissionamento, preparado para aqueles que confirmaram seu chamado num ministério especializado. Senhoras, sua igreja ainda não chegou a um acordo a respeito da ordenação de mulheres, mas ela tem uma maneira de tornar autêntico o ministério das mulheres e mostrar apreciação por este.

Questões pastorais

Esta é uma coluna do Pastor para o Pastor. Permitam-me falar-lhes pastoralmente, senhoras que acham que Deus as chamou para o ministério. Posso entender um pouco daquilo que vocês sentem. A maioria dos ministros adventistas trabalhou durante vários anos, no início de seu ministério, sem poder batizar ou fazer casamento. Lembro disto como uma verdadeira desvantagem, às vezes um embaraço, e aguardei a ordenação com grande expectativa. Com toda a honestidade, porém, devo confessar agora que eu era tão livre para conquistar almas antes quanto depois — e na verdade tão eficiente. A falta de ordenação pode às vezes fazer alguém sentir-se embaraçado e não apreciado, mas não o impedirá de ser um ganhador de almas.

Em nome do ministério adventista, apresento desculpas e lhes peço perdão por qualquer ofensa que lhes tenhamos causado, por parecer que as excluímos, quando vocês tanto necessitavam ser incluídas. Nós amamos vocês. Nós queremos bem a vocês. Precisamos de vocês. Sejam bem-vindas ao ministério.

Floyd Bresee.

A Reforma de Saúde e os Adventistas no Século XIX

Os adventistas não foram os únicos reformadores da saúde no século XIX. Nossa mensagem pró-saúde surgiu extraordinariamente pura de um ambiente de mitos e devaneios.

Josefa Hale, novelista popular e fornecedora de sugestões domésticas para mães de família de antes da Guerra, apresentava a seguinte receita em um livro sobre arte culinária: “*Cheese de Porco* — Escolha a cabeça de um porco pequeno... Salpique sobre ela, e sobre a língua de quatro leitões, um pouco de sal comum e uma pitadinha de salitre. Deixe repousar por quatro dias; lave e envolva em um pano branco; ferva-as até os ossos da cabeça se soltarem com facilidade; tire a pele tão completamente quanto possível. ... coloque a pele em torno da lata (de conserva) e encha-a até aproximadamente a metade, de carne que foi bastante temperada com pimenta, pimentão e sal. ... Deve ser comida com vinagre e mostarda, e servida como lanche ou jantar.”¹

O reformador de saúde Russell Trall descreveu este esforço para fazer um porco morto parecer-se com um porco vivo, como “a perversão de toda a verdadeira delicadeza e refinamento”. Por ter encontrado outros livros de culinária igualmente insatisfatórios, Trall lançou o seu próprio livro *Hydropathic Cook Book* em 1853, e foi de livros como este que os adventistas obtiveram seus primeiros conhecimentos sobre culinária e nutrição com tendência para a saúde.

Os adventistas e o movimento da reforma pró-saúde

O pioneiro José Bates foi um exemplo dos re-

formadores da época. Abolicionista e pacifista, foi também advogado da temperança e vegetariano antes mesmo de ter ouvido falar de Guilherme Miller ou do sábado.²

Ellen White se voltou para os escritos dos reformadores da saúde em apoio às mensagens que recebeu em visão. Em 1865, a Sra. White terminou a exposição por escrito de sua principal visão sobre a reforma pró-saúde em *Health: or How to Live* (A Saúde: ou Como Viver). Aí, simultaneamente com seus próprios artigos, incluiu ela artigos escritos por outros reformadores da saúde que defendiam o que ela estava ensinando. Algumas vezes ela usou as palavras de outros reformadores em seus escritos,³ de maneira que é notável que seus escritos estejam livres como o estão, das mais questionáveis idéias dos reformadores pró-saúde, embora incluam alguns conceitos que os cientistas podem questionar hoje.⁴

J. H. Waggoner declarou que a mensagem adventista pró-saúde era singular, não só pelo que ensinava, como pela maneira em que foi dada “pelo método de escolha de Deus... mais claro e poderosamente apresentado”⁵

Orientação dietética dos primeiros reformadores pró-saúde

Quando os adventistas consultavam os reformadores pró-saúde de seu tempo, que orientação recebiam? A obra *Lectures on the Science of Human Life* era considerada a referência clássica entre os adventistas. O livro foi escri-

to em 1839, por Sylvester Graham. O exemplar dessa obra pertencente à Sra. E. G. White, pode ser visto na biblioteca White Estate.

Graham apresentou extensos argumentos em favor do regime vegetariano. Ele se demorou principalmente sobre o valor do pão, tendo dedicado 40 páginas do texto só a este assunto.⁶ Depois do pão, as frutas são mencionadas como o alimento mais apropriado para o homem, e Graham, ao contrário de alguns de seus seguidores, afirmava ainda que as pessoas saudáveis e vigorosas podiam digerir couve, pepino, alface e outros tipos de verduras.⁷

Graham advertiu contra todas as combinações artificiais e concentrações alimentares, quer animal ou vegetal, citando como exemplo o açúcar. A sacarina dos vegetais era nutritiva e salutar, ensinou, mas quando concentrada em xarope ou cristalizada em açúcar, era “decididamente prejudicial aos interesses fisiológicos do nosso corpo”.⁸ Com exceção do pão, Graham não dá nenhuma receita. Ele cria que os alimentos crus eram em geral melhores do que os cozidos.⁹

Em 1849, a falta de receita foi preenchida pelo Dr. William A. Alcott, um formado de Yale e prolífico autor da reforma pró-saúde, que incluiu um panfleto de 22 páginas, intitulado “Outlines of a New System of Food and Cookery”, repleto de receitas, em seu livro *Vegetable Diet*.¹⁰

As recomendações de Alcott continham algumas noções curiosas. O pão de primeira, ensinava ele, não devia ser feito com outra coisa senão a farinha integral e água. O pão de segunda, permitia a mistura de várias espécies de farinhas integrais, e somente se preferir pão de terceira, você poderá permitir que faça parte da receita o bicarbonato de sódio.¹¹

Os grãos vinham depois no livro de culinária de Alcott. Eles podiam ser cozidos, assados, tostados, torrados ou “torrefeitos”. Ele incluía feijões verdes entre os grãos, mas os chamava de “os menos saudáveis”.¹²

Os bolos podiam ser feitos acrescentando-se manteiga ou óleo de oliva, juntamente com ovos ou leite, para as receitas de pão. Os pudins podiam ser “um pouco salgados, caso se deseje”, e algumas receitas permitiam melado, ovos, e mesmo açúcar ou uva passa.¹³

As tortas, como eram comumente feitas, eram “má combinação” “uma raça mestiça”, na maneira de ver de Alcott, mas ele estava dis-

posto a fornecer receitas para tortas de abóbora, moranga e batata. Alcott concordava em que torta de maçã natural, feita tão natural como se fosse simples calda, não era objetável.¹⁴

Entre outros alimentos, Alcott gostava pouco, fosse de laranja, que era muito “fibrosa”;¹⁵ cebola crua, que era nociva; e repolho, que era “tolerável, mas muito fibroso e, conseqüentemente, muito indigesto”.¹⁶

Das muitas raízes, ele considerava a batata a melhor. Ela pode ser preparada melhor, cozida; frita é a pior maneira. As raízes doces e aguadas — beterraba, cenoura branca, nabo, cenoura, são muito menos saudáveis do que as raízes farináceas e o rabanete; “belas como possam parecer, são quase inúteis”.¹⁷

Em 1856, Alcott publicou *The Laws of Health* (As Leis da Saúde), que a Sra. White também possuía. Ele repetiu aí muitos dos cuidados que Graham havia expresso e que iriam tornar-se padrão de recomendação na literatura adventista sobre alimentação: Os alimentos devem ser ingeridos com uma disposição alegre e bem mastigados. Não se deve comer mais de três vezes ao dia, com intervalos de seis horas, mas é preferível tomar duas refeições diárias; deve-se parar de comer enquanto ainda está com um pouco de fome. Nenhum alimento entre as refeições, nenhum líquido junto com as refeições, nem muitas variedades de alimento também em uma refeição, e parar com o açúcar, os condimentos e a carne, especialmente de porco.¹⁸

Alcott discutiu também a digestão e os sucos digestivos, embora não tivesse nenhuma noção da função específica dos vários sucos. Ele alimentava a curiosa idéia de que o alimento digerido penetrava na corrente sanguínea por meio de um grande tubo que o levava a um ponto próximo do ombro esquerdo e o vertia dentro de uma grande veia.¹⁹

Ele forneceu uma lista de alimentos considerados indigestos, ao menos para estômagos debilitados: carne gorda, manteiga, substâncias conservadas de várias espécies, ovos cozidos duros, pastéis de carne, casca de pastel, panquecas, sonhos, bolo confeitado e frituras. Os mingaus, sopas e caldos não podiam ser digeridos, uma vez que eram ingeridos sem mastigar e engolidos sem ser misturados com saliva. Os pepinos verdes, as uvas, tomates e pimenta eram “totalmente insólveis e prejudiciais”. O sal contribuía para o escorbuto e outras alterações e por isso era “contrário à digestão saudável”.²⁰ Alcott tinha tam-

bém muito o que dizer sobre os perigos de doenças provenientes da carne e dos venenos de outros alimentos.

Quando Tiago White editou e publicou os panfletos do *Health: or How to Live* em 1865, incluiu a primeira coleção de receitas adventistas. As 12 senhoras adventistas de Battle Creek, que compilaram as receitas, deram, contudo, o crédito aos trabalhos anteriores, feitos por Russel e outros.²¹

O *New Hydropathic Cook Book* de Trall era mais do que uma simples lista de receitas. Incluía material sobre digestão, bem como um catálogo quase exaustivo de alimentos vegetais.

Trall incluiu umas poucas instruções em favor do cozimento de carne como um compromisso com “os apetites presentes” e “o estado degenerado da sociedade”.²² Sua seleção de verduras, grãos e frutas foi muito maior do que a de Alcott, e ele não teve, no conjunto, os preconceitos de Alcott contra certos vegetais.

O princípio fundamental da filosofia de Trall sobre nutrição era que todo nutriente mineral é formado pelos vegetais, daí serem os alimentos animais inferiores, porque eram derivados e tinham probabilidade de ser impuros. Trall entendia que o corpo era formado de vários elementos químicos, 13 dos quais devem ser obtidos de nosso alimento. Todavia, isto proporcionou pouca ajuda na escolha dos alimentos, uma vez que Trall cria que esses elementos se achavam inteiramente distribuídos de maneira intensiva no reino animal e vegetal, de maneira que as pessoas sempre obtinham o suprimento suficiente.²³

Trall abrigava também a noção de que apenas uma quantidade bem pequena de água era necessária — a que provinha do regime alimentar correto. Ao contrário de Alcott, Trall dispensava elevada consideração ao lugar das fibras no regime alimentar. Pensava, contudo, que elas fossem nutritivas, e rejeitava a noção de que elas estimulavam a ação dos intestinos.²⁴

Conselhos dietéticos para os primeiros adventistas

De meados de 1860 em diante, os adventistas tiveram ao seu alcance conselhos de autores adventistas sobre digestão, nutrição e culinária. Os próprios conselhos de Ellen White davam alguma orientação, e os outros também faziam coro. Em geral, seus conselhos diziam que

os alimentos deveriam ser comidos em estado fresco, natural, não adulterado e simples quanto possível.

Por volta do fim do século, John Harvey Kellogg já estava dividindo os alimentos em gorduras, hidratos de carbono e proteínas, embora usasse termos diferentes. Ele ainda tinha conceito limitado a respeito de coisas tais como exigência de proteínas. Ele possuía um leve conceito do papel de certos minerais, mas nada sabia, naturalmente, sobre vitaminas.

Na ausência de conhecimento sobre como o corpo utiliza o alimento, outro critério era usado para determinar a conveniência deste. Em todo esse período, o perigo das doenças provenientes da alimentação cárnea e de produtos animais, avolumou-se grandemente. Perto do fim do século, Kellogg prestou uma grande contribuição com respeito à adulteração e à contaminação dos alimentos. Anteriormente, a digestibilidade e o fato de os alimentos serem ou não estimulantes, eram critérios importantes. Em 1868, o livro *Hand Book of Health*, de J. N. Loughborough, salientava que os alimentos muito estimulantes causavam um consumo muito maior de energia vital e, à semelhança do álcool, deixavam o corpo deprimido.²⁵

As gorduras, tais como a manteiga e os óleos de origem animal, segundo Loughborough, eram também concentradas e impuras, eram só levemente nutritivas e eram difíceis de digerir.²⁶ Merritt Kellogg cria também que as gorduras e os óleos não continham os elementos apropriados para a construção dos tecidos vitais.²⁷

Nenhum dos livros adventistas consultados, sobre regime alimentar, recomendava nozes até o fim do século XIX. A Sra. White não as incluiu em suas listas resumidas de alimentos aceitáveis (“frutos, grãos, nozes e verduras”) senão perto do fim de sua vida, quando sua principal preocupação era advertir contra o uso indiscriminado de nozes.

Os adventistas e o uso da carne

A distinção mais fundamental no regime alimentar adventista foi a que se estabeleceu entre os vegetais e a alimentação cárnea. E produtos animais como o leite, manteiga, queijo e ovos receberam apenas sanção ligeiramente mais forte.

Os dois principais argumentos de Loughborough contra a alimentação cárnea: que esta é

mais estimulante e mais causadora de doenças do que os produtos vegetais — era usada extensivamente em todo o século XIX pelos adventistas; e o argumento anatômico, especialmente quando considera os dentes — os dentes humanos não são como os dentes dos carnívoros — também receberam grande ênfase.

Carnes limpas e imundas

Os adventistas nada teriam que ver com porco, senão nos aspectos bíblicos não fisiológicos. “Cremos que há mais base em que repousar (proibição do porco) do que a lei cerimonial da antiga dispensação”, escreveu Uriah Smith. “Pois se assumimos a posição de que aquela lei ainda vigora, devemos aceitá-la toda, e então teremos mais em nossas mãos do que podemos facilmente dispor.”²⁸

Não deveria ser tão surpreendente, pois, saber que alguns dos nossos pioneiros, entre os quais Ellen White, algumas vezes comeram alimento imundo, como ostra.²⁹ Eles não achavam que estivessem sujeitos a qualquer injunção bíblica contra alimentos imundos.

Os adventistas e outros reformadores pró-saúde, porém, falaram vigorosamente contra o porco. Alcott insistia em que o porco causava a lepra e outras enfermidades da pele, como o fez Trall.³⁰ Ellen White confirmou a idéia,³¹ embora em 1858 ela não condenasse o comer a “carne de suíno”.³² Kellogg podia descrever um porco nos termos mais repugnantes e revoltantes, e fez isto em grande medida.³³

Os reformadores pró-saúde e os produtos animais

As observações dos reformadores sobre produtos animais — leite, manteiga, queijo e ovos, em geral lhes desencoraja o uso, sem uma rigorosa fiscalização.

Sylvester Graham afirmava que o leite era elogiado por quase todo escritor que falava sobre regime alimentar como sendo “uma das espécies de alimento mais nutritivo e saudável que o homem podia usar”³⁴, mas oito anos de pesquisa sobre o assunto lhe haviam abalado a confiança nessa crença amplamente defendida.³⁵

Trall também tinha uma sombria concepção do leite. Em sua *Hydropathic Encyclopedia* ele diz que o leite “leva à irritação dos rins, ou produz desassossego e sono difícil, com agitação, e secura ou mau gosto na boca”. Mesmo assim, considerava o leite azedo, o soro de leite coa-

lhado, inofensivo, embora não melhor do que água.³⁶

O *Hygienic Family Physician* de Merritt Kellogg discutia o leite apenas ao falar de “alimento para crianças”³⁷, e o *Hygienic Cook Book*, de 1875, que John Harvey Kellogg provavelmente tenha editado, dizia que o leite de vaca é melhor para as crianças do que para adultos, por causa de certas alterações nos órgãos digestivos que o leite ocasiona “e toda espécie de nutriente do sangue” objetável.³⁸

Além disso, o livro de culinária de 1875 dizia que era provável que o leite estivesse “carregado dos produtos de doenças”, especialmente febre tifóide.

A advertência de Kellogg sobre o leite parece ter acompanhado o desenvolvimento científico dos tempos. Em 1886, o químico Soxhlet, que desenvolveu a pasteurização, recomendou ferver o leite que as crianças tomavam.³⁹ Kellogg advertiu seus leitores a fazerem isso no ano seguinte. Não foi senão em 1892 que se realizou a primeira contagem bacteriana do leite comercializado, nos Estados Unidos, mas Kellogg já estivera advertindo seus leitores durante anos, das bactérias do leite. Somente em 1910 foi definitivamente estabelecida a relação entre a tuberculose nos animais e as crianças. Kellogg já havia falado do perigo da tuberculose em 1887.

A digestibilidade, a adulteração e as doenças foram de novo o principal assunto, quando estes escritores voltaram sua atenção para o queijo. Graham permitia apenas um pouco de queijo, e que não tivesse mais de três meses de idade, para homens robustos que trabalhavam, pois o queijo velho de qualquer tipo era frequentemente adulterado pelo acréscimo de urucu e mesmo arsênico, para dar-lhe uma aparência agradável e cremosa.⁴⁰ Alcott apresentava essas mesmas objeções. Trall dizia: “O queijo fresco não é muito objetável, mas o queijo velho e forte é uma das coisas mais prejudiciais e indigestas que existem.”⁴¹

A manteiga também obteve apreciação inferior. Graham sugeria evitá-la completamente. Ela agravava as doenças de toda espécie, dizia ele, e prejudicava as crianças e os jovens mais do que os adultos.⁴²

Alcott cria que ela fosse uma das piores coisas a penetrarem no estômago humano, depois da gordura de porco, e se ela “não chega a causar a lepra, como a gordura de porco”, certa-

mente causaria todas as outras espécies de enfermidades.⁴³ Trall a considerava difícil de digerir, apenas levemente nutritiva e “capaz de produzir ácidos repugnantes no estômago”.⁴⁴ Fresca e ligeiramente salgada, ela era inócua, mas derretida ou cozida era um “alimento muito deletério”. Trall, da mesma forma que todos aqueles escritores, recomendava creme doce como substituto.⁴⁵

Kellogg fazia mais sérias objeções ainda à margarina, “um artigo totalmente falsificado”, que contém “grandes quantidades de banha de porco e sebo”, e muitas vezes “porções de carne, membranas e tecido muscular, provavelmente de cães e gatos doentes”.⁴⁶

Graham considerava tudo o que dissera acerca do leite, aplicável aos ovos, embora também considerasse a estes mais “altamente animalizados” do que o leite. Se ao menos eles fossem usados crus ou só ligeiramente cozidos, seriam totalmente nutritivos e fáceis de ser digeridos. Mas considerava os ovos muito cozidos, por demais difíceis de ser utilizados pelo estômago sem opressão.⁴⁷ As opiniões de Alcott eram semelhantes. Além dos ovos muito cozidos, Trall acrescentava à lista proibida os ovos fritos e as omeletas, declarando-os “atentatórios ao estômago humano”.⁴⁸

O *Hygienic Cook Book* de 1875 reiterava todos os argumentos — os ovos eram excitantes e estimulantes e, quando muito cozidos, ou fritos em gordura e comidos com pimenta e sal, muito indigestos. Por esse motivo, deviam ser excluídos também dos bolos e doces.⁴⁹

O regime vegetariano adventista

Sem contínua pesquisa não podemos responder cabalmente à questão do que comem os adventistas vegetarianos. Podemos citar apenas o exemplo de Ellen White, que foi talvez mais rigorosa do que muitos adventistas, embora não tão rigorosa quanto outros. Ela sempre se considerou vegetariana, mas entre os anos 1870 e começo de 1890, ela ocasionalmente comeu um pouco de carne.

“Sempre temos usado um pouco de leite e algum açúcar”, escreveu a Sra. White em 1873,⁵⁰ e é provável que ela tenha seguido essa prática em anos posteriores. Ela fez uso moderado semelhante de ovos. Embora tivesse falado de um tempo no qual o leite e ovos deveriam ser deixados, ela dizia que os adventistas não deviam trazer prematuramente sobre si um “tempo de

tribulação”, e lhes afirmava que Deus revelaria quando houvesse chegado a ocasião para deixar o leite, a manteiga e os ovos.⁵¹

Durante alguns anos, antes de se mudarem para Rocky Mountains em 1873, os White não usaram manteiga. Uma vez ali, porém, a Sra. White concluiu que na ausência de verduras e frutas, ela era menos prejudicial à saúde do que “bolos doces e confeitados”.⁵²

Após sua visita ao Sanatório Santa Helena, em 1884, escreveu ela que “nem um pedacinho de carne ou manteiga” estivera em sua mesa desde que ela voltou.⁵³ Depois, em 1894, disse ela: “Não comemos nenhuma carne, e não temos manteiga em nossa mesa.”⁵⁴ A diferença entre “comer” e ter algo “sobre a mesa”, pode indicar que eles ainda usavam manteiga na cozinha, mas não a colocavam sobre a mesa para ser usada em grande quantidade ou como condimento.

Talvez a Sra. White usasse menos queijo do que carne. Ela admitia ter usado um pedacinho de queijo que foi colocado diante dela, quando hóspede, mas, disse ela, a família não “compra queijo, nem tem o costume de comê-lo”.⁵⁵ Em 1901 ela explicou que havia “provado queijo uma ou duas vezes, mas que isto era diferente de torná-lo uma artigo do regime alimentar”.⁵⁶ Outros adventistas pareciam comer queijo mais livremente. Estava sendo vendido na tenda de provisão em uma reunião campal na qual o Dr. John Harvey Kellogg, recém-chegado ao local, o descobrira. O comerciante de secos e molhados do acampamento, disse ele, tinha permissão de um dos diretores do acampamento para vender o queijo. Kellogg comprou todo o queijo e o lançou no rio.⁵⁷

Além da grande variedade de frutas e verduras, os White e outros adventistas comiam muitos outros alimentos. Kellogg produzia grão-de-bico, um cereal seco para o desjejum, para seus pacientes do Sanatório de Battle Creek, e depois, em 1877, organizou a Sanitarium Health Food Company para atender a um mercado mais amplo com produtos tais como farinha de aveia, bolachas de farinha integral e fruta, e cereais de grãos integrais cozidos.⁵⁸ Em 1896 ele começou a produzir Nutena, um substituto da carne.⁵⁹ Produziu também um café de cereal feito de cascas de pão, farelo, melado e milho.⁶⁰ Introduziu também o creme de amendoim na dieta americana.⁶¹ Sua invenção mais famosa, porém, foi o *Corn Flakes*, que seu ir-

mão Will transformou em um negócio multibilionário.⁶²

Conclusão

A saúde foi sempre uma via por meio da qual os adventistas alcançaram o mundo e o atraíram. Talvez por isso, os argumentos religiosos e bíblicos tenham sido escassos nos escritos de Kellogg. A *Review* continha um artigo ocasional tratando do assunto, mas muitos dos conselhos dietéticos adventistas vieram através dos jornais e livros de Kellogg. A Sra. White, naturalmente, forneceu perspectivas religiosas, mas não escreve muito sobre regime alimentar nos anos 1870 a 1880, e seus escritos dos anos 60 às vezes já não eram impressos mais para o fim do século.

No final do século, a situação havia mudado. O ensaio de Milton C. Wilcox sobre "Mam's Primitive and Best Diet" (A Primitiva e Melhor Dieta do Homem) realçou grandemente a perspectiva bíblica.⁶³

Ele salientou a importância do alimento que usamos aos olhos de Deus: "Desejo que te vá bem em todas as coisas, e que tenhas saúde" (III S. João 2); "Portanto, quer comais quer bebais, ou façais outra qualquer coisa, fazei tudo para glória de Deus" (I Cor. 10:31); e inúmeros outros textos. Ele chegou ao auge ao dizer que a boa saúde faz parte da santificação total do ser.

Retornando à dieta original do homem, ele traçou a história do regime alimentar através dos tempos bíblicos, terminando com um mapa que descrevia a história do regime natural de frutos e grãos do Éden, passando pelo regime cárneo de Babilônia e Egito, e depois chegando de novo, depois de 1844, a um regime alimentar de frutas e grãos na Segunda Vinda. O fazer, porém, com que a linha crescente após 1844 seja tão reta, íngreme e ininterrupta como a pintou Wilcox; ou se curve para fora, formando um platô, depois de mil anos ou mais, é algo para determinarmos.

1. R. T. Trall, *The New Hydropathic Cook Book* (Nova Iorque: Fowlers and Wells, 1857), pág. 7.

2. Godfrey T. Anderson, *Outrider of the Apocalypse* (Mountain View, Calif.: Pacific Press Publishing Assn., 1972) págs. 37, 38, 42 e 104.

3. Comparar, por exemplo, Ellen G. White, *Appeal to Mothers* (Battle Creek: Steam Press, 1864), pág. 9 com James C. Jackson, *The Sexual Organism and its Healthful Management* (Boston: B. Loverett Emerson, 1861), págs. 74 e 75, onde Ellen White usa nove para-

lelos distintos do livro de Jackson. Tais paralelos são raros nos escritos mais antigos de Ellen White sobre saúde, mas existem.

4. Ver Roger Coon, *Seminar os Contemporary Issues in Prophetic Guidance* (Washington, D. C. White Estate, 1986), págs. 10-14 para discussão de algum dos "problemas" apresentado por Ellen G. White.

5. J. H. Waggoner, "Present Truth", *Review and Herald*, vol. 28 (7 de agosto de 1866), pág. 77.

6. Sylvester Graham, *Lectures on the Science of Human Life*, (Nova Iorque: Office of the Health Reformer, n. d.), págs. 517-547.

7. *Idem*, págs. 540 e 549.

8. *Idem*, pág. 547.

9. *Idem*, págs. 513-516.

10. William Alcott, *Vegetable Diet* (Nova Iorque: Fowlers and Wells, 1850), págs. 16 e 17.

11. *Idem*, págs. 293-298.

12. *Idem*, pág. 301.

13. *Idem*, págs. 302-304.

14. *Idem*, págs. 306 e 307.

15. *Idem*, pág. 308.

16. *Idem*, págs. 311 e 312.

17. *Idem*, págs. 309-311.

18. William Alcott, *The Laws of Health* (Boston: John P. Jewett & Co., 1860), págs. 122-196.

19. *Idem*, pág. 109.

20. *Idem*, págs. 111, 145, 149 e 150.

21. James White, ed., *Health: or How to Live*, Número 1, (Battle Creek: Steam Press, 1865), págs. 31-51.

22. *Idem*, pág. 206.

23. *Idem*, págs. 19 e 15-26.

24. *Idem*, págs. 29 e 41.

25. J. N. Loughborough, *Hand Book of Health* (Battle Creek: Steam Press, 1868), págs. 184 e 185.

26. *Idem*, pág. 189.

27. M. G. Kellogg, *Hygienic Family Physician* (Battle Creek: Office of the Health Reformer, 1873), pág. 21.

28. Uriah Smith, "Meats Clean and Unclean", *Review and Herald*, vol. 60 (3 de julho de 1883), pág. 424.

29. Ron Graybill, "The Development of Adventist Thinking on Clean and Unclean Meats", E. G. White Estate, 27 de abril de 1981; o assunto é também discutido em Coon, págs. 20-22.

30. Alcott, *Vegetable Diet*, pág. 258; *Laws of Health*, pág. 157; Trall, *New Hydropathic Cook Book*, pág. 44; Ellen G. White, *Spiritual Gifts*, vol. 4 (Battle Creek: Steam Press, 1864), pág. 146.

31. *How to Live*, pág. 58.

32. *Testimonies*, vol. 1, págs. 206 e 207.

33. J. H. Kellogg, *Pork* (Battle Creek: Steam Press, 1897).

34. Graham, *Lectures* (Nova Iorque, n. d.) pág. 422.

35. *Idem*, págs. 508-510.

36. Russell T. Trall, *The Hydropathic Encyclopedia* (Nova Iorque: Fowlers and Wells, 1873), pág. 422.

37. M. G. Kellogg, *Hygienic Family Physician*, págs. 22 e 23.

38. (J. H. Kellogg?), *Hygienic Cook Book* (Battle Creek: Office of the Health Reformer, 1876), pág. 10.

39. Cummings, *The American and His Food* (Chicago: University of Chicago Press, 1941), págs. 92-94.

40. Graham, *Lectures* (Nova Iorque, n. d.), pág. 507.

41. Trall, *New Hydropathic Cook Book*, pág. 167.

42. Graham, *Lectures*, pág. 506.

43. Alcott, *Vegetable Diet*, pág. 258.

44. Trall, *New Hydropathic Cook Book*, pág. 107.

45. *Ibidem*.

46. J. H. Kellogg, *Home Hand Book*, pág. 417.

47. Graham, *Lectures*, pág. 510.

48. Trall, *Hydropathic Encyclopedia*, pág. 422.
49. *Hygienic Cook Book*, pág. 10.
50. Ellen G. White ao Irmão e à Irmã Canright, 12 de nov. de 1873, Carta 1, 1873.
51. Ellen G. White ao Dr. D. H. Kress e esposa, 29 de maio de 1901, Carta 37, 1901.
52. Ellen G. White ao Irmão e à Irmã Canright, 12 de novembro de 1873, Carta 1, 1873.
53. Ellen G. White ao Irmão e à Irmã..., 17 de fev. 1884, Carta 2, 1884.
54. Ellen G. White à Irmã Clausen, 14 de junho de 1894, Carta 13, 1894.
55. Ellen G. White ao Irmão e à Irmã Canright, 12 de nov. 1873, Carta 1, 1873.
56. Ellen G. White, "Talk in the College Library", 1º de abril de 1901, Ms. 43, 1901, pág. 11.
57. Ellen G. White ao Irmão e à Irmã McCullough, 7 de setembro de 1893, Carta 40, 1893.

58. Richard Schwarz, *John Harvey Kellogg, M. D.* (Nashville, Tenn.: Southern Publishing Assn., 1970), pág. 209.
59. *Idem*, pág. 109.
60. *Idem*, pág. 110.
61. *Idem*, pág. 120.
62. *Ibidem*.
63. M. C. Wilcox, Flora and J. R. Leadworth, *The Natural Food of Man and How to Prepare It* (Oakland: Pacific Press, 1899), págs. 5-44.

Dr. Ronald D. Graybill — Professor associado de história na Universidade de Loma Linda, Loma Linda, Califórnia